

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MESTRADO E DOUTORADO**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Letícia Aline Back

**OS (DES)ENCONTROS DA TRÍADE:  
PROCESSOS MIGRATÓRIOS, TRABALHO E CIDADE**

Santa Cruz do Sul

2019

Letícia Aline Back

OS (DES)ENCONTROS DA TRÍADE: PROCESSOS MIGRATÓRIOS, TRABALHO E  
CIDADE

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Betina Hillesheim

Santa Cruz do Sul

2019

### CIP - Catalogação na Publicação

Back, Leticia Aline

Os (des)encontros da tríade: processos migratórios, trabalho e cidade / Leticia Aline Back. – 2019.

95 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Betina Hillesheim.

1. migração. 2. cidade. 3. trabalho. 4. cartografia. 5. heterotopia. I. Hillesheim, Betina. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Letícia Aline Back

OS (DES)ENCONTROS DA TRÍADE: PROCESSOS MIGRATÓRIOS, TRABALHO E  
CIDADE

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Dra. Betina Hillesheim

Professora Orientadora – Universidade de Santa Cruz do Sul

Dr. Camilo Darsie de Souza

Professor examinador – Universidade de Santa Cruz do Sul

Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

Professora examinadora - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr. Luciano Bedin da Costa

Professor examinador – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Santa Cruz do Sul

2019

*Quando começo a escrever um estudo, um livro,  
qualquer coisa, não sei realmente aonde isso vai,  
nem em que vai dar, nem o que demonstrarei.*

*Só descubro o que tenho para demonstrar  
no próprio movimento da escrita [...]*

*Michel Foucault em entrevista para Claude Bonnefoy*

## A.gra.de.cer

Retribuir; dar agradecimentos; Expressar gratidão.

Em tempos que correm, agradecer é preciso.

Sorte minha e nossa, ainda podermos fazê-lo.

Retribuir, dar em igual altura. Que responsabilidade!

Já, de antemão, peço desculpas, não será possível!

Dar agradecimentos: reconhecer os lugares que ocupamos.

Reconhecer os privilégios que nos fazem circular por determinados trajetos.

Agradecer!

Como escrevo sempre povoada de muito/as, esta dissertação não poderia ser diferente. Ela foi composta de muitas mãos, encontros, cafés, risos, abraços demorados. Afetos. Ela é composta de *vida e experiência e pessoas*.

Agradeço aos meus pais Lúcia e Otávio que sempre foram porto seguro em tempos de turbulência.

Agradeço ao meu marido Anderson por ser amor e abraços demorados. Minha calma em dias de tempestade!

Agradeço a minha irmã Vanessa, por ser presença em todos os momentos de minha vida, não sendo diferente na construção desta dissertação. Ela e seu companheiro Guilherme foram fundamentais na construção da apresentação deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora professora Dr<sup>a</sup> Betina Hillesheim, por ser atenta, cuidadosa e presente! Sou grata por essa relação de trabalho!

Agradeço ao Grupo de Terças e ao Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Inclusão e Produção de Sujeitos que foram riso, produção, afeto e viagem! Agradeço ainda mais por serem suspiros em tempos tão difíceis.

Agradeço a Gisele, pela acolhida, pela amizade e por ser minha parceira nas andanças pela cidade!

Agradeço às minhas colegas de trabalho Fernanda Haas e Carina Scherer, por serem escuta atenta e gentileza.

Agradeço a Universidade de Santa Cruz do Sul, através do acesso a bolsa BIPSS.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Educação e de forma especial às secretárias Daiane e Mariele, por serem sorrisos e disponibilidade.

Por fim, agradeço a professora Dr<sup>a</sup> Gislei e aos professores Dr. Camilo e Dr. Luciano por aceitarem compor a banca examinadora.

*Dedico esta dissertação as histórias  
migrantes que me encontraram.*



## RESUMO

Os processos migratórios contemporâneos ganharam notoriedade no cenário brasileiro de forma significativa nos últimos anos, principalmente com a chegada de haitianos a partir de 2011 e, mais recentemente, venezuelanos. O crescente número de migrantes intensificou as preocupações no que tange à entrada e permanência destes em território nacional, especialmente quanto à garantia de acesso às políticas públicas e mercado de trabalho. Considerando esse cenário, esta dissertação tem como objetivo analisar as relações produzidas entre os processos migratórios, o trabalho e a cidade. O processo teórico-metodológico possuiu como direcionamento ético, estético e político a cartografia e a concepção de heterotopia como o principal operador-conceitual. A pesquisa ocorreu mediante o acompanhamento de um migrante haitiano em seus itinerários pelo espaço da cidade a partir da condição dada pelo trabalho que realiza junto ao Centro de Referência de Assistência Social do município. Durante as *andanças* pela cidade, evidenciaram-se diferentes formas de relação entre a tríade proposta (migração, trabalho e cidade), apontando para o corpo migrante como uma sobreposição de lugares, uma heterotopia, rasurando os espaços instituídos e transformando a própria cidade, na mesma medida em que se transforma. Na construção destes percursos a língua ocupou um lugar privilegiado na produção de dados. Uma língua que minora nas relações com o português, ganhando espaço como estratégia de resistência. Além destes aspectos, a cidade, através dos movimentos de busca aos migrantes para suprir demandas do mercado de trabalho, também determina os percursos e trajetos desta população: auxiliares na construção civil, auxiliares de produção nas empresas de abate de animais, varredoras, fiscais no estacionamento rotativo. Nesse cenário, o trabalho agenciou-se a esta cidade como *ethos*, dando-lhe outras características a partir da possibilidade de circulação dos migrantes. Neste movimento, também produziu-se visibilidade para as relações dos diferentes trabalhadores migrantes, tensionando a língua, as zonas de pertencimento, as rasuras do cotidiano citadino, bem como os entraves e preconceitos, especialmente nos acessos às diferentes políticas públicas (Saúde, Assistência Social e Educação). Portanto, destaca-se que a relação na tríade proposta ocorreu no agenciamento trabalho e cidade produzido a partir do corpo migrante. Agenciamento este que foi demarcando diferentes *entres*: modos outros de conceber a língua como estrangeiridade, os corpos como espacialidades e a produção de lugares heterotópicos como captura e resistência.

**Palavras-chave:** Migração; cidade; trabalho; cartografia; heterotopias.

## ABSTRACT

The contemporary migration processes received notoriety in the Brazilian scenario significantly in the last years, mostly after the arrival of Haitians since 2011, and recently, Venezuelans. The rising number of migrants intensified the preoccupations in regard of the entrance and permanence of them in the national territory, especially to the assurance of public politics and employments. Considering this scenario, this dissertation aims to analyze the relations produced among the migration processes, the work and the city. The theoretical-methodological has the ethical, aesthetic and political direction of the cartography and heterotopia as the main conceptual operator. The research occurred through the accompaniment of an Haitian migrant and his itinerary in the space of the city by the given condition of his work in the Social Assistance Center of the town. During the city walks, were evidenced different forms of work relations in the proposed triad (migration, work and city), pointing to the migration body as an overlap of places, one heterotopia, scratching the established spaces and transforming the city and itself. In the making of these processes the language took one privileged place in the production of data. A language that eases in it's relationship with Portuguese, gaining space as a resistance strategy. In addition to these aspects, the city, through the search for migrants to meet the demands of the job market, also determines the courses and routes of this population: construction assistants, production auxiliaries in the meat industry, sweepers, parking lots supervisors. In this context, work in this city is a form ethos, providing new features from the circulation of migrants. This movement also produced visibility for the relations between the different migrant workers, tensing the language, the areas of belonging, the urban everyday and the prejudices and hindrances as well, specially in the access of public politics (in health, education and social assistance). Therefore, it is noted that the triad relation proposed occurred in the work and the city diligence. This diligence delimited three different "middles": other ways to conceive the language as foreignness, the bodies as spatialities and de production of heterotopical places as capture and resistance.

**Keywords:** Migration; city; work; cartography, heterotopia.

## Sumário

<b>1</b>	<b>MOVIMENTOS. ENCONTROS. A BRASILEIRA.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>DO ATO DE PESQUISAR <i>COM</i>. ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>PREÂMBULO E PROCESSOS MIGRATÓRIOS: CONTEXTOS.....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>CIDADE MIGRANTE; CIDADE HETEROTÓPICA: UMA HETEROTOPIA MIGRANTE .....</b>	<b>52</b>
	<b>Cidade .....</b>	<b>53</b>
	<b>Heterotopias .....</b>	<b>54</b>
	<b>Migrantes: espaços heterotópicos .....</b>	<b>56</b>
<b>5</b>	<b>DO INESPERADO E IMPREVISÍVEL: UMA CARTOGRAFIA DOS ENCONTROS .....</b>	<b>74</b>
<b>6</b>	<b>DOS (DES)ENCONTROS: DANDO-LHES CONTORNOS DE ENCERRAMENTO.....</b>	<b>86</b>
	<b>Um pós escrito, para os pós que ainda virão .....</b>	<b>94</b>

## 1 MOVIMENTOS. ENCONTROS. A BRASILEIRA.

*É a boa maneira de ler: todos os contra-sensos são bons, com a condição, todavia, de não consistirem em interpretações, mas concernirem ao uso do livro, de multiplicarem seu uso, de criarem ainda uma língua no interior de sua língua. “Os belos livros são escritos em uma espécie de língua estrangeira...” É a definição do estilo. Também, nesse caso, é uma questão de devir. As pessoas pensam sempre em um futuro majoritário [...]. Quando o problema é o de um devir-minoritário: não fingir, não fazer como ou imitar a criança, o louco, a mulher, o animal, o gago ou o estrangeiro, mas tornar-se tudo isso, para inventar novas forças e novas armas (Gilles DELEUZE, Claire PARNET, 1998, p.13)*

Início com Deleuze, pois ele e este livro me ajudam a pensar e a desacomodar. Também, de um certo modo, ao trazê-lo para cá, o convido para a nossa conversa. Uma conversa onde espero produzir visibilidade para este devir-minoritário. Este devir-migrante. Dar visibilidade na intenção de, em tempos tão difíceis, inventar novas forças a partir das palavras escritas que ganham corpo nesta dissertação.

Como Heloísa Toller Gomes, prefaciando Conceição Evaristo<sup>1</sup> nos alude: escrever é como uma maneira de fazer sangrar e invocar e evocar vidas costuradas com fios de ferro (2016). Assim, escrevo na intenção de produzir marcas. Tomar a escrita desse modo, fez lembrar-me de Foucault, em que, numa de suas entrevistas, versa sobre a sua relação com a escrita, fazendo uma analogia a profissão de seu pai (médico-cirurgião):

*Transformei o bisturi em caneta. Passei da eficácia da cura á ineficácia do livre enunciado; substituí a cicatriz sobre o corpo pelo grafite sobre o papel; substituí o inapagável da cicatriz pelo signo perfeitamente apagável e rasurável da escrita.*

---

<sup>1</sup> Prefácio da Obra Olhos d'água (2016).

*Talvez deva mesmo ir mais longe: a folha de papel talvez seja, para mim, o corpo dos outros (Michel FOUCAULT, 2016, p.44).*

De certo modo, Heloisa e Foucault dão lugar a uma escrita que toma os corpos e as vidas como campos de inscrição e potência. Acho que também eu tenho uma certa pretensão de produzir potências nas corporalidades que fazem parte desta escrita.

Assim, neste movimento de tornar-se tudo proposto por Deleuze, gostaria de contar-lhe do devir-estrangeira que em mim habita. Devir, não como uma imitação ou um ajuste a um modelo, mas uma dupla captura (Cf. Gilles DELEUZE, Claire PARNET, 1998). “Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas” (ibidem, p. 10).

Devir-estrangeira como um “devir-outro, que não tem nenhuma forma, que é estranho a toda forma, que é impessoal, que tem a imanência de uma vida. Nenhuma preocupação com o ponto de partida ou com o ponto de chegada. O que conta é o que se passa no meio” (Tomaz TADEU, 2002, p. 52). Devir-estrangeira como processo de pesquisa. Andanças pela cidade de Lajeado acompanhada de muitos encontros com diferentes migrantes e a identificação adotada por Simon<sup>2</sup> para me apresentar: A brasileira. Lugar que construiu espaço a partir da proposta cartográfica e que se encontrou ali, no campo da experiência, onde *conhecer* e *fazer* se tornaram inseparáveis, onde não houve qualquer lugar para a neutralidade (cf. Eduardo PASSOS, Regina Benevides BARROS, 2015).

Remontar a este lugar, nomeado como brasileira, é revisitar minhas infâncias e minha relação com a língua. Esta língua que brinca com as estrangeiridades, que range e faz ranger. Da língua que brinca com as expressões e com um falso sigilo travesso.

Da língua que me obrigou a uma necessária análise de implicação, num esforço de atentar para as questões que me ligam a produção de dados desta pesquisa. Esta análise é disparada pelas estrangeiridades que habitam em mim e em Simon.

Desse modo, é preciso contar um pouco do que este devir-estrangeira remonta. Sou nascida em Santa Cruz do Sul, em família de descendência

---

<sup>2</sup> Renel Simon, haitiano residente no Brasil. Contarei mais a seu respeito no texto: Do ato de pesquisar *Com*. Escolhas teórico-metodológicas.

germânica. Sou a filha mais velha de duas mulheres. Meus pais vieram de famílias de agricultores. Ambos vieram para a 'cidade' (como costumamos dizer) quando se casaram. Meus pais, a exemplo dos seus, ainda mantêm o dialeto alemão como primeira língua. A partir dessa relação, também carrego um pouco de uma história (privilegiada) de migração.

Não mantenho mais o dialeto no meu cotidiano (ah! mas ainda o uso como recurso nas travessuras com as palavras!). Brinco que desaprendi. Minhas avós Tereza e Wilma (em memória) que me obrigam ao exercício do 'liga' o alemão e 'desliga' o português. Minha irmã e eu sempre falamos: "entendemos tudo, só nos enrolamos com as palavras!". Nossos companheiros muito falaram desse lugar de estranhamento: não sabem nada em alemão. E muito são/foram 'estrangeiros' nas reuniões familiares.

É engraçada essa relação com a língua, já que as minhas primeiras palavras foram no alemão. A educação infantil que me ensinou o português. Segundo os meus pais, bastaram duas semanas para o português virar rotina. Mas me recordo da diretora, na época, a minha referência na 'creche', pois ela quem entendia meus pedidos por água e idas ao banheiro. Era Ângela o nome dela.

Digo que é engraçada, pois sou da geração de pais que não queriam mais ensinar o dialeto aos filhos, pois viveram, em seus períodos escolares, a repressão e proibição do uso da língua alemã. Meus pais, na contramão das suas experiências, o mantêm até hoje. Digo na contramão, considerando as histórias que os mesmos contam: Castigos quase que diários, pois as palavras escapavam. Minha mãe tinha um professor, era o único na pequena escola de interior. Um professor que usava da régua de madeira como recurso para o castigo e ameaças recorrentes de pendurar os alunos no teto. Meu pai, uma freira professora, muito ruim, segundo as suas classificações. Esta, usava mais os milhos do que a régua. Ficar ajoelhado neles por horas era o recurso de punição.

A brasileira, que na minha família, seria a conotação para aquele(a) que não fala e/ou não compreende o dialeto, para o não-alemão. Sempre achei doida esta classificação, um tanto sem sentido frente ao que eu via como mundo, como gente, como estar com outros. Não-brasileiros nascidos no Brasil, isso?!

De certo modo, a pesquisa e os migrantes me re-fizeram e reeditaram um outro ou outros lugares em mim. É da ordem do devir.

Assim, brincar com o sigilo da língua não é algo que tenha me causado estranhamentos. Conheço palavras soltas do francês e não entendo nada de crioulo. Simon ora traduzia, ora não. Fez uso do recurso da língua que protege. Também eu já usei do alemão quando não queria que me entendessem. E já entendi comentários que não eram para serem entendidos. Isso faz parte da minha história. E não é/era incomum.

Assim, percebo que me encontro com Simon na língua como espacialidade. Da língua que carrega lugares outros, que faz resistência. É da ordem das micropolíticas.

Ainda, antes de qualquer outra questão, me sinto na obrigação de reforçar que não tomo as duas migrações sobre as quais transitei como iguais. São pesos e medidas muito diferentes. São contextos e condições distintas. São cores, circulações e lugares outros.

Desse modo, utilizando dessa escrita menos compromissada, faço-a na intenção de um convite. Um convite para permitir que a linguagem dos afetos (que são da ordem dos encontros e das afetações) seja guia desta leitura.

Considerando o convite, faço algumas pequenas sugestões acerca do transitar nas palavras-corpo desta dissertação:

1. Esta dissertação está composta por seis capítulos independentes, de modo que sua organização sugere um modo de leitura, porém, como é um convite também para brincar, se quiser, podes (des)re-ordenar, realizando a leitura a partir de qualquer ponto;
2. Permita-se divertir-se e afetar-se: brinque com a brasileira que em ti também habita;
3. Emocione-se e confunda-se com o real e o ficcional. Durante a leitura encontrarás pequenas narrativas inspiradas nos meus encontros durante as *andanças* pela cidade de Lajeado. São experiências que transbordaram e exigiram uma outra forma de apresentação. Estas narrativas carregam na invenção a realidade produzida durante o processo de pesquisa, sendo, na maioria delas a recomposição das cenas descritas no Diário de Campo. Nesse movimento, uma clara inspiração no que Conceição Evaristo (2017) nomeia como

*escrevivências*: a “memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências”, fazendo com que eu escrevesse a ficção como se fosse a realidade vivida (ibidem). Assim, me aventurei nas narrativas por considerar que fazer pesquisa é também inventar. Na intenção de facilitar a identificação, embora elas estejam compondo junto ao restante do texto, as mesmas estarão em fonte e cores distintas;

4. Durante os percursos de pesquisa fiz alguns rabiscos, pequenos mapas da experiência de andar acompanhando Simon. Estes mapas dizem da composição desta dissertação. Eles se encontram na abertura de cada um dos capítulos;
5. Como os mapas são efeitos dos afetos do percurso de pesquisa, também o/a convido, caso queira, para construir seu mapa a partir da leitura realizada;
6. Verás que dou especial atenção ao(s) corpo(s). O Corpo, pois ele marca essa indissociabilidade entre a pesquisadora e o campo. Entre os pesquisadores e a cidade, a migração e o trabalho.



## Referências

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FOUCAULT, Michel. **O belo perigo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GOMES, Heloísa Toller. Prefácio: “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro”. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da. Porto Alegre: Sulina, 2015.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. In: **Educação e Realidade**. Jul/dez 2002. p. 47 - 57. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25915> Acesso em 17 jan 2019.

## 2 DO ATO DE PESQUISAR COM. ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS



## DO ATO DE PESQUISAR COM. ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

*Investiga-se **como**, produz-se **com**.*

***Como faz aquilo que faz?***

*Para cartografar é preciso, pois, querer o acontecimento, o lançar dos dados, **estar aberto à afirmação do acaso**, àquilo que faz problema no mesmo. [...] Estar a caminho. Caminhar em involução, nem de onde, nem para onde, mas **habitar as múltiplas temporalidades** em um único instante.*

*E, perguntar, **que é que insiste aqui?***

*Que é que pede passagem na língua?*

*Que é que ganha verbo no que acontece?*

*(Luis Artur COSTA, Andréa ANGELI, Tania FONSECA, 2012, p. 46, grifos meus)*

Era uma quinta-feira chuvosa e fria, datava de 28 de junho de 2018. As 13:30h da tarde entro nos portões do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Lajeado. Na entrada, passo por pessoas fantasiadas para comemorações juninas. Era São João!

Esta foi minha primeira visita oficial e o momento destinado a explicar os objetivos e a proposta de pesquisa a Simon. Digo a ele sobre a intenção de acompanhar seu trabalho e sua circulação, através das diferentes atividades, pela cidade. Ao término da explicação um 'rebate': "*Meu papel vai ser só esse, ser acompanhado?*" (*Diário de Campo, 28 de junho de 2018*).

Assim, 'de cabeça', não consigo nem dizer quantas vezes retornei a esta questão, mas posso afirmar que foram muitas. Simon talvez nem tivesse a intenção de me provocar tanto. Talvez, só estivesse tentando entender. Retornei e retornei, muitas e muitas vezes, pensando sobre o que estava deixando de considerar, o que estava passando na relação que eu não estava conseguindo dar a devida atenção.

Numa das retomadas, um registro:

*Me ponho em escrita, como quem se coloca em parada.  
Dia chuvoso, demorado, preguiçoso. Converso-encontro-  
desencontro Deleuze e Guattari.*

*Dissertação. Pesquisar. Como me colocar neste ato de  
permissão de escrita e produção de outras formas de me fazer  
na relação com o outro, outra?*

*Tenho pensado o quanto tem se tratado muito de me produzir  
de outra forma.*

*Quais encontros possíveis?*

*Branca. Loira. Olhos verdes. Mulher.*

*Negro. Haitiano. Estrangeiro. Homem.*

*Me coloquei em caminhada. Trajetos da e na cidade. Lugares  
de pausa.*

*Diferentes modos de se produzir nos diferentes encontros da  
cidade: assistência, saúde, educação. Formas de fala.*

*Diferentes modos de se produzir estrangeiro.*

*Pensar a produção da migração e pensar a produção da  
pesquisadora. Quais subjetivações?*

*Caminhar e acompanhar. Do que se trata mesmo?*

*Devir – movimento permanente. Talvez seja disso que se trata.*

*O outro, estranho-estrangeiro como marca da diferença.*

*Posição.*

*É preciso aprender a desfazer e desfazer-se. Desfazer o sujeito  
(Deleuze, Guattari, 2012).*

*Talvez se trate de uma cartografia dos encontros...*

*Nos processos de encontro: cidade, migrante, pesquisadora.*

—

*Falei com Simon hoje. Combino nosso encontro de sexta-feira.*

*“Tenho que fazer uma saída às 9h. Pode vir à tarde”.*

*“Posso te acompanhar na tua saída pela manhã”.*

*“Pode vir à tarde.”*

*Sim, vou à tarde! É preciso me colocar limites!*

*De novo me pego pensando nessa abertura de espaços, na  
permissão, no necessário cuidado.*

*Como eu estaria se estivesse sendo acompanhada em meu  
cotidiano de trabalho?*

*Ética. Pesquisa. Sujeito.*

*Preciso pensar em formas de produzir COM!  
(Diário de Campo, 25 de julho de 2018).*

E, a partir desta questão, que me faço em movimento de pesquisadora-cartógrafa, me esforçando, insistentemente, para dar língua aos afetos que pediram passagem (cf. Suely ROLNIK, 1989), atentando para o movimento de construção de um mapa sempre aberto (cf. Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2011a). Nessa perspectiva, não coletei os dados de pesquisa, mas produzimos, eu, Simon, a cidade, outros migrantes e o grupo de pesquisa. Sendo assim, me desafiei para a composição *COM*, como uma postura ética, estética e política. Desse modo, a produção foi mais de Simon do que minha.

Ao tomá-la como de outrem, também me tomo como outra nestes percursos. Afirmar Simon como pesquisador é desfazer-se de alguns lugares, produzindo e ocupando outros: a brasileira; o devir-estrangeira. Desterritorialização. Desfazimento. Fui me constituindo no desfazer. Aprendi a desfazer, a desfazer-me (cf. Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012) um não-fazer de pesquisadora.

*[...]*

*Sobre acompanhar percursos que necessariamente são  
definidos por um outro.*

*Como, dentro desta perspectiva trabalhar sob a guisa do  
anonimato?*

*Talvez quando ele me perguntou: Meu papel na pesquisa será  
só ser acompanhado?, tenha me sinalizado, me colocado a  
pensar, efetivamente, como se dá este papel?*

*Não é, ao fim, ele quem conduz o percurso?*

*(Diário de Campo, 28 de julho de 2018).*

Nesse desafio de compor *COM*, compreendo o processo de pesquisa como um constructo, que se compõe das histórias dos muitos atores que fazem o campo de pesquisa. Desse modo, é um exercício que se dá no cotidiano da pesquisa, na suspensão dos julgamentos e das definições pré-estabelecidas. É esse cotidiano que exige do pesquisador a prática do deixar-se conduzir na produção dos dados de pesquisa. “O pesquisarCOM se lança precisamente no desafio de desfazer e refazer

certas fronteiras e, com isso, se engaja na aposta de fazer um mundo comum” (Marcia, MORAES, 2014, p.134).

Na composição do pesquisar *COM* e nestes exercícios cotidianos, dois marcadores fizeram-se presentes, sendo eles: a atenção aos acontecimentos que impulsionaram as migrações para a região do Vale do Taquari e as lentes conceituais. Os mesmos não operaram como guias, mas como pontos de ancoragem, auxiliando no percurso e na compreensão daquilo que me propus produzir nas relações que foram sendo compostas.

Nestas composições a construção de um campo comum com Simon exigiu um esforço de negociação das diferenças e a articulação de linhas de afetação. *Afectos*. Estes, que “só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidades e a composição de velocidade entre elementos” (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012, p. 84). Afetos que convocam movimentos, perguntas e o pesquisar: “Afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer” (Gislei LAZZAROTTO, Julia CARVALHO, 2012, p. 26).

Nas velocidades fomos produzindo, Simon e eu, um enfrentamento a desconfiança, na presença:

*Ficamos o restante do tempo ali.  
Entre inúmeras ligações e alguns atendimentos no balcão,  
conversamos.  
Alguns silêncios. Presença. Olhares de ‘rabo de olho’.  
Um pouco desconfiado. Insisto num papo.  
Me oferece café e chimarrão.  
(Diário de Campo, 28 de junho 2018).*

Nestes enfrentamentos, nas velocidades e afetações dos encontros, do *estar* na cidade, que cartografei. Não como método prescritivo, estabelecido, reto. Mas como *andanças* e experimentação. Como posição ética, estética e política do e no processo de pesquisa. Numa postura de uma amante dos acasos, disponível aos acasos que o campo me ofereceu e aos encontros do caminho (cf. Luciano BEDIN, 2014).

Sendo, assim, nesse exercício de compor *COM*, e de estar atenta ao movimento do campo, a primeira questão posta: *o não anonimato*. Como já debes ter percebido, desde o início de nossa conversa fui mencionando o nome Simon. Não

se trata de um nome fictício ou de uma personagem, trata-se de Renel Simon, haitiano que está no Brasil desde 2012. Seu embate quanto ao seu papel também era um embate quanto ao seu lugar neste processo de escrita.

Simon, como é conhecido, não desejou o anonimato, contestando assim os modos de se fazer pesquisa nas ciências humanas. Partimos do pressuposto de que garantir o sigilo nesta relação é garantir direitos. Simon me fez pensar sobre o quanto, na condição de migrante, trabalhar sobre a ótica do anonimato talvez implique num apagamento.

Para pensar tais questões obtive uma ajuda valiosa. O encontro, a partir do seu texto, com Vinciane Despret (2011). Neste encontro reencontrei uma leitura e reencontrei o pensar sobre a não neutralidade, a implicação com o processo de pesquisa e, conseqüentemente, com os afetos. Nesse encontro Vinciane também nos conta sobre sua experiência com Jahija Smajié. Jahija era um senhor, à época com sessenta anos, de uma brilhante cabeleira branca e olhos azuis, conforme Vinciane o descreve. Ele lhe conta sobre suas experiências de refúgio, a perda de familiares e os jogos políticos que acompanham sua condição, destacando:

Veja a senhora, isso é o que fomos. A senhora pode ter essa caneta e escrever com ela. Aqueles que fazem a política escrevem conosco. Eles não pegaram os filhos deles para jogar e os enviaram para a guerra. Eles pegaram nossos filhos e com eles escreveram a guerra. Somos apenas um grão de poeira nessa história (Vinciane DESPRET, 2011, p.11).

A partir desta colocação, Vinciane se perguntou sobre o quanto o movimento de Jahija, de lhe tomar a caneta, dizia sobre sua resistência em ser quem se é, num espaço de apagamentos. Estavam num campo de refugiados. Com isso, ela se perguntou sobre o anonimato, suas escolhas enquanto pesquisadora e disparou para Jahija: “Suas palavras são tão belas que não podem me pertencer [...] Penso que deveríamos refletir com cada um a questão do anonimato, e que temos doravante o dever de fazê-lo. Foi com o senhor que aprendi isso” (Vinciane DESPRET, 2011, p.11).

Jahija e Simon provocaram, cada um com as histórias que carregam, novos modos de garantir direitos frente aos processos de pesquisa. Sendo assim, a partir da solicitação de Simon, registrada por escrito e sob a orientação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), protocolado junto a

Plataforma Brasil<sup>3</sup>, utilizarei seu nome também como forma de garantir sua presença nesta escrita.

Nas afetações do movimento pulsante do campo de pesquisa e na minha tentativa de construção de uma cartografia dos encontros, a imprevisibilidade fez morada. Eduardo Passos, Virginia Kastrup, Liliana Escóssia (2015) já alertavam: “o corpo a corpo com o campo da pesquisa comporta sempre uma dose de imprevisibilidade e mesmo de aventura. Habitar um território de pesquisa [...] envolve disponibilidade e abertura para o encontro com o inesperado” (p. 204).

A imprevisibilidade das rotas, dos encontros. Acompanhar os percursos, se não for de todo arriscado afirmar, se deu no ato do improvável. E, nesta perspectiva a cartografia como ferramenta metodológica me ajudou a pensar em outros modos para a produção dos dados desta pesquisa. Assim se deu minha escolha, me permitindo ser levada pelos percursos de trabalho, de vida e de relação com a cidade de Lajeado, por Simon e os migrantes que fazem parte destes. Sendo assim, eu, Simon, a cidade, os serviços de saúde e assistência social, seus profissionais, as legislações, o acesso ao mercado de trabalho, a educação, e... e... e... nos cruzamos e compartilhamos um território existencial, onde sujeito e objeto de pesquisa se relacionaram e se codeterminaram (Johnny ALVAREZ, Eduardo PASSOS, 2015, p. 131).

Nesse movimento, o exercício de pesquisar *COM* se deu também por uma escolha política: dar visibilidade aos acontecimentos que se produzem neste cenário de migração contemporânea num município do interior do Estado do Rio Grande do Sul; criar condições de visibilidade para os afetos e os agenciamentos produzidos pelos migrantes como estratégias de produção de pertencimentos. Assim, esta escolha também marca uma posição que me implica politicamente (cf. Eduardo PASSOS, Regina Benevides de BARROS, 2015a).

Desse modo, trato de pensar esse processo de pesquisa como “experiência de vida” (Caroline REIS, Neuza GUARESCHI, 2016, p. 135), e o constante desafio de tensionar os lugares pré-determinados. Neste aspecto, a máxima da escrita em bando (cf. Gilles, DELEUZE, Claire PARNET, 1998) nunca fez tanto sentido. Uma escrita que se constrói numa “solidão extremamente povoada” (ibidem, p. 14), num deserto povoado de grupos, de devires, de encontros com pessoas, movimentos,

---

<sup>3</sup> Pesquisa registrada sob o número 90546718.7.0000.5343



ideias, acontecimentos (cf. Gilles DELEUZE, Claire PARNET, 1998). Para tanto, se dá também num esforço de colocar na conversa todos aqueles com quem me encontrei.

Estas escolhas politicamente implicadas reforçam para o quanto este lugar de pesquisadora também se ocorreu no agenciamento da produção de conhecimentos em relação ao objeto de estudo, ao mundo e a mim (cf. Manoela, ROMERO, Maria Helena ZAMORA, 2016), ou seja, todas estas questões se dão de forma indissociável. E, em certa medida, tomar esta postura politicamente implicada também aponta para as minhas escolhas frente a esta tentativa de narrar o vivido da pesquisa: “ao narrarmos incluímos certas cenas, deixamos outras de fora. O que fica dentro de nossas narrativas ganha consistência, faz outros laços, se articula em outros domínios, outros textos” (Marcia, MORAES, 2014, p. 134).

*Era uma menina bonita. Batia na altura da minha cintura.*

*Estávamos ocupando a sala de vídeo da escola, o cinema, como as crianças chamam. Fazíamos uma reunião pesada, dessas de adultos angustiados com a falta de envio dos recursos da União e do Estado para as ações dentro da assistência e da saúde de forma geral.*

*Nós ocupávamos a sala da SLAN (Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente), local onde muitas crianças, especialmente filhas e filhos de mães trabalhadoras das empresas frigoríficas, passavam seus dias. A SLAN faz as vezes de uma escola de educação infantil com horários estendidos para que as mães possam trabalhar. Local este que conta com um número significativo de crianças migrantes.*

*Como eu contava, fazíamos a reunião na sala de cinema quando a turminha adentrou com a profe. Já estávamos tentando nos organizar para o término, mas sabe como é, essa história de não ter dinheiro é sempre difícil. Chega uma hora que cansa fazer de um limão uma limonada!*

*Mas, voltando as crianças. A profe disse que poderíamos nos organizar com calma, ainda era preciso ligar os equipamentos e fazer a votação do filme. Sempre gostei de desenhos animados, quase me ofereci para votar e assistir! Enquanto encerrávamos a conversa, os menores foram se sentando na frente. Cada um puxava uma cadeira proporcional ao seu tamanho. Uma graça!*

*No puxa e empurra de cadeiras a sonoridade de um português estrangeiro. Ando com os ouvidos sensíveis a estes sons. Olho com mais atenção e percebo um menino,*

*miúdo, rostinho redondo, daqueles que quando ri faz covinhas! Ele e o amigo negociavam o lugar onde iriam sentar. Queriam ficar lado a lado.*

*Enquanto eu olhava a cena da negociação sinto um puxão no meu casaco. Era um dia frio, usava um casaco comprido e senti o leve puxãozinho rapidamente. Olho para baixo e sou recebida com um sorriso doce. Me acena com os olhos e me abraça pelas pernas. Tinha nos cabelos muitas tranças com contos coloridas, dessas que só podemos usar quando temos por volta dos sete anos. Eu não a conhecia, mas o abraço foi de aquecer o coração.*

*Soube depois que era a filha de nosso colega haitiano.*

Nesta indissociabilidade o movimento de acompanhamento das trajetórias de Simon ocorreu a partir do lugar ocupado pela sua prática profissional: auxiliar administrativo num Centro de Referência de Assistência Social, tendo como principal responsabilidade a primeira acolhida aos migrantes que chegam ao município. Porém, para além desta atividade, Simon acompanha internações e consultas médicas, entrevistas de emprego, negociações de contratos imobiliários, entre outros.

Assim, o acompanhar os trajetos de Simon pela cidade de Lajeado deu-se em movimento de encontro e de agenciamento, incluindo-me na paisagem, acompanhando os ritmos e os acontecimentos do campo (cf. Johnny ALVAREZ, Eduardo PASSOS, 2015). Cabe destacar que tomo os agenciamentos a partir de Deleuze e Guattari (2011b), compreendendo que estes se relacionam num “estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões [...], as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros” (p. 33).

Com isso, este agenciamento se dá no movimento de ida ao campo, que só se efetiva na implicação do corpo da pesquisadora (cf. Pedro de SOUZA, 2012), borrando as fronteiras entre corpo e campo. “Agenciar acaba por consistir no ato de renúncia ao já sabido e de entrega ao estranhamento em si” (ibidem, p.31).

Agenciamentos que consideram e dão lugar aos corpos, atentando para a materialidade que estes produzem frente às diferentes relações. “Essa corporeidade tem duas características: de um lado [...] agindo à maneira de acontecimentos; de outro lado, é inseparável de qualidades expressivas ou intensivas, suscetíveis de

mais ou de menos, produzidas como afectos variáveis (resistência, dureza, peso, cor...)” (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012, p. 95).

Corporeidade e afetos produzidos no campo da cidade. Talvez deva lhe dizer que esta foi a maior questão que pousou na produção desta pesquisa: tomar a cidade como *ethos* desse pesquisar, como conjunto de cenas, atos, costumes. Nessa perspectiva, a cidade produz subjetividades, “modeliza regimes de sensibilidade” (Manuela ROMERO, Maria Helena ZAMORA, p. 455, 2016). As cidades são como máquinas enunciadoras que engendram a existência humana (cf. Félix GUATTARI, 2012).

Assim, corpo e cidade se engendraram. Migrante - pesquisadora - cidade. Estrangeiro - estrangeira - cidade. “[A] experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e desta forma também o define” (Fabiana Dultra BRITTO, Paola Berenstein JACQUES, 2008, p. 79).

Considerando estes aspectos a cidade entrou na composição do *COM* desta pesquisa. Tomada de suas linguagens e imagens (cf. Luciano BEDIN, 2014). Entrou com as

suas sensações fugidias que escapam aos nossos olhares, que não encontram na boca da gramática palavras que possam descrevê-las. [...] De outra forma, nós só nos indagamos sobre uma cidade na medida em que produzimos encontro com algo desta cidade (Luciano BEDIN, 2014, p. 73).

Quando tomei a cidade de Lajeado nesta dimensão levei em consideração os encontros que se produziram, as histórias que esta carrega, sua trajetória de migração italiana e germânica como marcas de sua arquitetura, costumes e tradições. Assim, foi no processo de deslocamento por essa cidade que se produziu conhecimento (cf. Manuela ROMERO, Maria Helena ZAMORA, 2016).

Diante da cidade como *ethos*, foi preciso dar espaço para as *andanças*. Para isso, o diário de campo, elegido como ferramenta para a produção de dados já na construção da proposta de pesquisa, ganha ainda mais materialidade. O diário, nesta pesquisa, se constituiu como espaço do registro destas *andanças* solitárias e povoadas, do habitar e deslocar pela e na cidade.

Compreendo que, nesse exercício de escrita, dado a partir da minha relação com o campo, com as afetações e os encontros, produzo os dados, mas produzo também compreensões sobre a migração e sobre a própria cidade. “O próprio exercício de narração já está associado também a uma prática espacial, ao

movimento, à viagem ou, ainda, ao andar pela cidade” (Paola Berenstein JACQUES, 2012, p. 17).

Assim, o diário foi ganhando uma conotação atuante, pois como destacam Benedito Medrado, Mary Jane Spink, Ricardo Pimentel Mélo (2014), ao tomá-lo como tal, é “com ele e nele [que] a pesquisa começa a ter certa fluidez” (p. 278), considerando que os registros dão corpo (talvez caiba reforçar para o quanto os registros dão mas também são corpo nestas relações) tanto às questões postas pelo processo de pesquisar quanto a própria pesquisadora. Os contornos das palavras, dos rabiscos, dos desenhos e dos esquemas deram os tons das estrangeiridades (minhas, do Simon, da cidade e seus migrantes). Desse modo, “o diário consegue fundir as palavras e as coisas, à medida que as acolhe em suas páginas” (ibidem).

Adotar o diário de campo como principal ferramenta de produção de dados foi necessariamente me colocar em escrita e corpo. Corpo atravessado pelos encontros, por sensações e movimentos. Nessa perspectiva, adotar um texto diarista é liberar-se da pretensão de um conhecimento definitivo sobre o objeto, permitindo ao texto enunciar sua própria produção (cf. Eduardo PASSOS, Regina Benevides BARROS, 2015b). É necessariamente considerar que o “exercício de escrita se faz em um espaço, marcará um espaço e também constituirá um espaço” (Anita BERNARDES, Jeferson TABORDA, 2016, p.02).

Ainda, cabe destacar que não tomei os registros do diário de campo como representações, mas como invenções. Inventei na medida em que permiti-me aos registros dos *affectos*, das velocidades e intensidades, acompanhados de certa dose de escolhas. “As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção (Conceição EVARISTO, 2017, s/p).

O diário compõe-se, portanto, dos registros dos oito encontros realizados, sendo que dois ocorreram na cidade de Santa Cruz do Sul. Além destes, conta com anotações sobre a temática, conversas informais, leituras. O vivido e as invenções da pesquisa.

Ainda, como ferramenta, utilizo-me daquilo que nomeei como operador-conceitual, tal como lentes para o processo de análise que aqui começa a se desenhar. O principal conceito operado é de heterotopias (Michel FOUCAULT, 2013; 2015), o mesmo agenciou-se durante o percurso. Ganhou corpo na relação com a

migração, com a cidade, com as espacialidades e os lugares. Ganhou corpo na relação com a língua e com as estrangeiridades.

Voltando então para as heterotopias. Michel Foucault (2015) designa estas como lugares que conseguiriam se justapor, “vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis. É assim que o teatro fez alternar no retângulo da cena uma série de lugares que são estranhos uns aos outros (Michel, FOUCAULT, 2015, p. 435).

Pensar nas heterotopias é pensar nos possíveis. É pensar nas inquietações e nas desestabilizações da linguagem (cf. Michel FOUCAULT, 2015). O pensar sobre outras inscrições de espacialidades: as que dão conta dos encontros, dos efêmeros, dos instantes e dos acontecimentos.

Como virtualidade, a heterotopia é uma suspensão provisória de posições. Trata-se de uma hospedagem de passagem, porque se faz no momento de um encontro, ou na possibilidade dele. A hospedagem de passagem é uma virtualidade, não modifica um espaço em termos de posições que ali se encontram, mas cria a possibilidade de outro espaço, passageiro, fugaz [...] (Anita BERNARDES, Jeferson TABORDA, 2016, p. 03).

É considerando esta perspectiva que a heterotopia como operador-conceitual se fez em ato de análise. Nesta, cabem ainda as aproximações exigidas pelo campo: conversar com a língua, dar visibilidade aos tensionamentos que ela produz e as estrangeiridades que racham e fazem vibrar o instituído da cidade.

Diante destas primeiras ‘contações’, me desafiei a dar continuidade na construção das relações produzidas entre o trabalho, a cidade e os processos migratórios. Compreendo que há um mundo nesta pergunta: *Como se dá a relação entre os migrantes, o trabalho e a cidade?* Mas me ative ao esforço do *entre*. *Entre* trabalho e cidade; *entre* o migrante e seu trabalho; *entre* o migrante e a cidade. O *entre* como potência dos acontecimentos. Nesse sentido, interessei-me pelo que os faz tornarem-se outros, o que encontra-se entre a tríade e que toma direção própria (cf. Gilles DELEUZE, Claire PARNET, 1998).

Considerando estes apontamentos, entendo ser prudente algumas ressalvas, especialmente em relação ao mundo que cabe nessa pergunta: *como se dá a relação entre os migrantes, o trabalho e a cidade?*. Nesse sentido, quando sinalizo os *entres* sinalizo que dei espaço para pequenos acontecimentos e para as experiências que se construíram nas *andanças*. Ah! Mas e o trabalho?! Talvez você já estivesse se perguntando isso. Então, vamos lá. Mantenho o trabalho por dois aspectos fundamentais: a) o primeiro e talvez mais esperado seja o lugar que a

busca por uma atividade laboral, bem como a possibilidade de acesso a ela seja um fator que move e impulsiona os fluxos migratórios. Nem sempre ele se constitui como causa primeira para o deslocamento, mas torna-se motivo de outras mudanças planejadas ou não<sup>4</sup>; b) a segunda, e destaco como mais importante, é a condição possibilitada pela atividade realizada por Simon. Não posso conceber esse processo de pesquisa sem os trajetos possibilitados pelo trabalho do Simon como migrante e como trabalhador da assistência social. Desse modo, só foi possível pensar os processos de circulação, aprendizagem e *andanças* na cidade de Lajeado a partir da relação com o trabalho. Ponto este que também circundou os encontros com outros migrantes do município. Seja pela busca, seja para encaminhar um documento necessário no processo de admissão ou durante as suas atividades profissionais.

A partir destes apontamentos, reitero a constituição da tríade processos migratórios, trabalho e cidade, bem como estabeleço o espaço do *entre* como lócus privilegiado das análises dessa pesquisa.

*O cartógrafo, ao cartografar o que se passa nos intervalos, deve aprender muito com a grama. É no espaço não-cultivado das importâncias culturais e sociais que ele colocará seu olho e corpo. Ele perguntará por aquilo que brota nos espaços mais improváveis, pelos montículos de vida que se fazem nos cantos, naquilo que o próprio espaço costuma refugar ou avaliar enquanto não importante. Neste sentido, dizemos que o pesquisador é um gamado em grama e que sua cartografia não deixa de ser um desenho dos desdenhos sociais (Luciano, BEDIN, 2014, p. 73).*

---

<sup>4</sup> Durante a pesquisa relatos deram conta que as primeiras vindas de migrantes para o Vale do Taquari foram organizadas por empresas de construção civil e frigoríficos, que buscaram os trabalhadores no Estado do Acre e Amazonas, para atender a uma necessidade de mão de obra.

## Referências

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BEDIN, Luciano. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. In: **Revista Digital do LAV** Vol.7, mai/ago 2014, p. 66-77. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111> Acesso em: 12 dez 2018.
- BERNARDES, Anita; TABORDA, Jeferson. EscritaCOM: Heterotopias. In: **Revista Polis e Psique** 6 (1), 2016, p. 113-123. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/61386> Acesso em: 04 jan 2019.
- BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo entres as relações entre corpo e cidade. In: **Cadernos PPG-AU/UFBA**, edição especial: Paisagens do Corpo, Vol. 7 2008, p 79-86. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648> Acesso em: 19 abr 2019.
- COSTA, Luis Artur; ANGELI Andréa; Tania FONSECA. Cartografar. In: FONSECA, Tania Mara Galli et al (orgs). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol.1. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol.2. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 5. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. In: **Fractal: revista de psicologia** v. 23 n.1, jan/abr 2011, p. 5-28. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922011000100002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922011000100002&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 17 set 2018.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Ditos e Escritos III. Org. Manoela Barros da Motta; Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2ª ed, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

Disponível em:

[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7894/3/Elogio\\_aos\\_Errantes\\_RI.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7894/3/Elogio_aos_Errantes_RI.pdf) Acesso em 09 abr 2018

LAZZAROTTO, Gislei; CARVALHO, Julia. Afetar. In: FONSECA, Tania Mara Galli et al. (Orgs.) **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary Jane, et al. **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein. 2014, p. 273-294.

MORAES, Marcia. Do “pesquisarCOM” ou de tecer e destecer fronteiras. In: BERNARDES, Anita Guazzelli et al (orgs). **Cartas para pensar**: políticas de pesquisa em psicologia. Vitória: EDUFES, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1630> Acesso em 26 out 2018.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015b.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015.

REIS, Carolina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Veias abertas na produção em pesquisa. In: **Polis e Psique**. Porto Alegre, n. 6, v. 1, p. 124-135, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2016000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100010) Acesso em: 19 ago 2018.

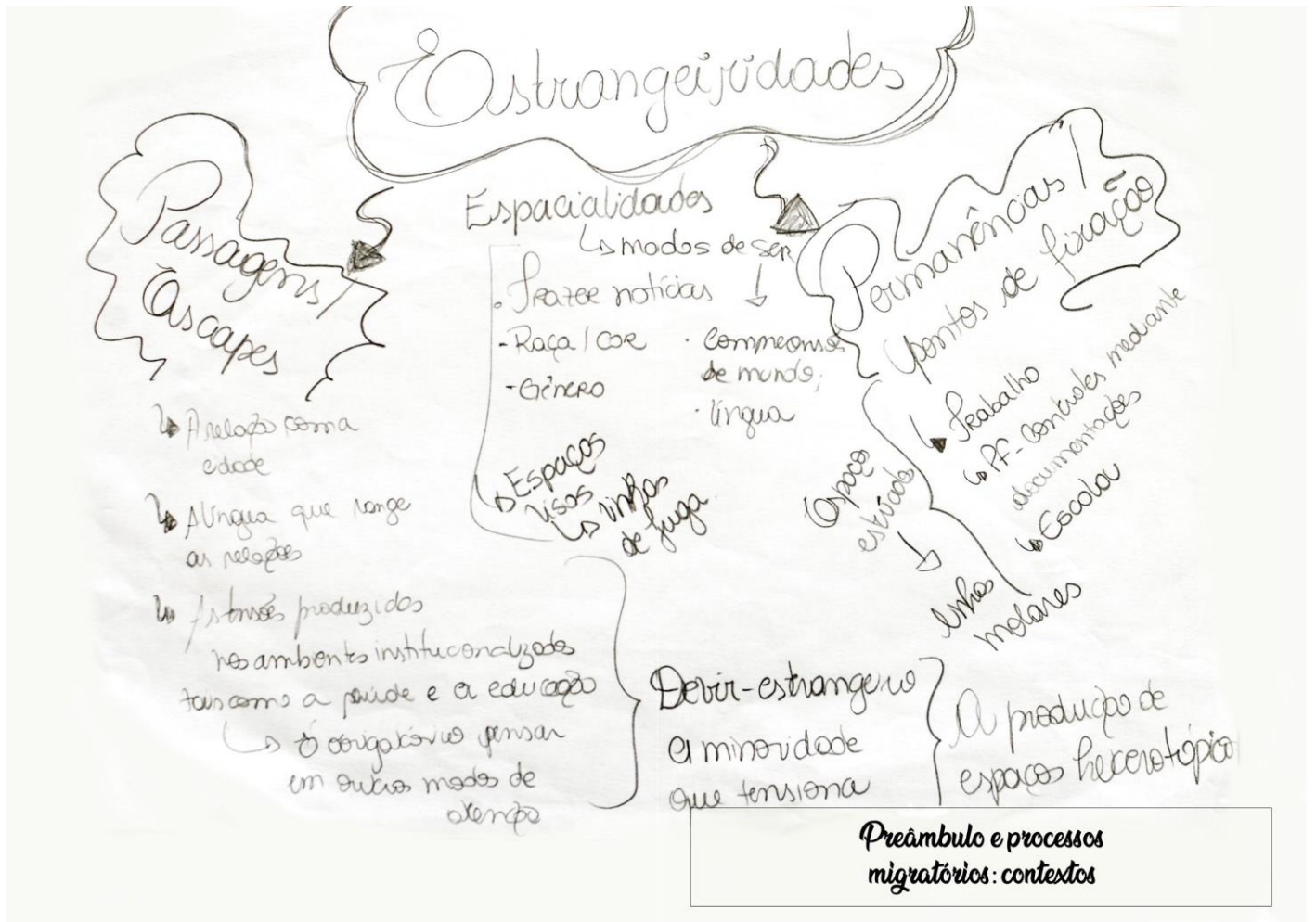
ROMERO, Manuela Linck de; ZAMORA, Maria Helena. Pesquisando cidade e subjetividade: corpos e errâncias de um flâneur-cartógrafo. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 451-461, jul./set. 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SOUZA, Pedro de. Agenciar. 2012. In: FONSECA, Tania Mara Galli et al (orgs). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.



### 3 PREÂMBULO E PROCESSOS MIGRATÓRIOS: CONTEXTOS



## PREÂMBULO E PROCESSOS MIGRATÓRIOS: CONTEXTOS



*Como cada um de nós era vários, já era muita gente.  
Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais  
distante. [...] Não somos mais nós mesmos. Cada um  
reconhecerá os seus.  
Fomos ajudados, aspirados, multiplicados  
(Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 1-2011, p. 17).*

Um lugar de *estrangeiridades*, talvez essa possa ser uma boa definição. Da qualidade daquilo que é estrangeiro, mas também estranho. Estrangeiridades como um operador na relação produzida nesse processo de pesquisa entre mim e Simon. Entre a brasileira e o haitiano. Nuances de diferentes lugares ocupados. Cenários e lugares de pausa. Devires: migrante e estrangeira.

Um lugar de *estrangeira* que circundou a pesquisadora por diferentes momentos e lugares percorridos. Para dizer isso talvez seja significativo falar dessa pesquisadora muito medrosa e pouco adepta a muitas aventuras em cidades

desconhecidas. Mesmo perto, Lajeado era muito desconhecida para mim. Por isso, a *brasileira*, que mesmo em seu país, brincou de ser *estrangeira*.

Sendo assim, a partir do apelido dado a mim pelos migrantes, tomarei este lugar de pesquisadora também a partir desta personagem: *A brasileira*. Como personagem ou como ato ou como um devir-estrangeira. Não como quem finge ser, mas como quem se transforma/mou em ato, como quem fez e foi minorada (cf. Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2017) pelo processo de pesquisar *Com* da produção de dados.

Simon e seus conterrâneos de migração brincaram com a imagem da brasileira, que se colocava lado a lado, mesmo quando fazia risos e olhares de quem compartilhava o encontro, mas não a língua. Não compreender também foi se colocar em lugar de despir-se: despir-se do lugar do conhecimento, do lugar de quem 'detém' alguma coisa. Despir-se da própria língua.

Coloquei em passagem, ato e encontro outras possibilidades de produção *com*, que não perpassaram o falar, mas o andar. *Andanças* pela cidade, mais estrangeira a mim do que ao Simon.

Nessa perspectiva, a construção dos percursos de produção de dados ocorreu no desafio de acompanhar Simon pelos seus trajetos na cidade de Lajeado, compondo comigo os cenários e lugares de pausa deste pesquisar. Fomos, os dois, atuantes nesse processo. A pesquisa se deu no cartografar, na construção de um mapa de afetos e encontros.

Deste modo, confirmou-se o ato de acompanhar processos (Laura Pozzana de BARROS, Virgínia KASTRUP, 2015), de permissão e de abertura ao campo, autorizando e produzindo os entremeios, outros possíveis na tríade: Migração, Trabalho e Cidade.

\*\*\*

Sendo assim, considerando que neste trabalho abordo a migração internacional, algumas retomadas são necessárias, dentre elas a compreensão de uma marcação dos sujeitos a partir da adjetivação de estrangeiro, passível de ser produzida a partir da lógica Estado-Nação vigente. Esta lógica, por sua vez, institui uma divisão anterior a divisão do sujeito migrante, a divisão dada entre os espaços nacionais e da conseqüente consolidação de uma base territorial (Jones Dari GOETTERT, 2010). Deste modo, a "primeira condição para o desenvolvimento das migrações internacionais, é a existência de Estados-nações" (ibidem, p. 22). Nesse

aspecto as marcações das fronteiras instauram também uma demarcação dos sujeitos, bem como vão configurando e classificando os migrantes mais ou menos desejados.

Tendo em vista tais aspectos, arrisco-me a tomar as fronteiras como produtoras de subjetividades. Para tal, tenho como horizonte a perspectiva do espaço que produz, como “algo vivo e ativo no que se refere às mais diversas dinâmicas sociais” (Camilo DARSIE, 2014, p. 49). Ainda, considerando esta produção que se constitui de muitas formas (sujeito-espaço; espaço-sujeito; sujeito-espaço-sujeito; ....) há uma demarcação das fronteiras mais desejáveis.

Desse modo, compreendo que é a “divisa que prediz - literalmente, invoca - a diferença entre eles [os produtos úteis e os refugos humano]: a diferença entre o admitido e o rejeitado, o incluído e o excluído” (Zygmunt BAUMAN, 2005, p. 40). Assim, na medida em que (des)qualificamos determinados territórios, adjetivamos os sujeitos que carregam partes dessa espacialidade. Em última instância carregamos no corpo os lugares por onde passamos.

Desta forma, marcam-se aqueles que pertencem ou não pertencem, embora as questões postas pelas porosidades das fronteiras globais coloquem em xeque tais marcações, na medida em que o “migrante é um ser de lugares [...] pode estar em um lugar no instante mesmo em que se sente pertencente a muitos outros” (Jones Dari GOETTERT, 2010, p. 15).

Com isso, trago os dados a seguir desde essa perspectiva, considerando os efeitos produzidos constantemente a partir desses deslocamentos.

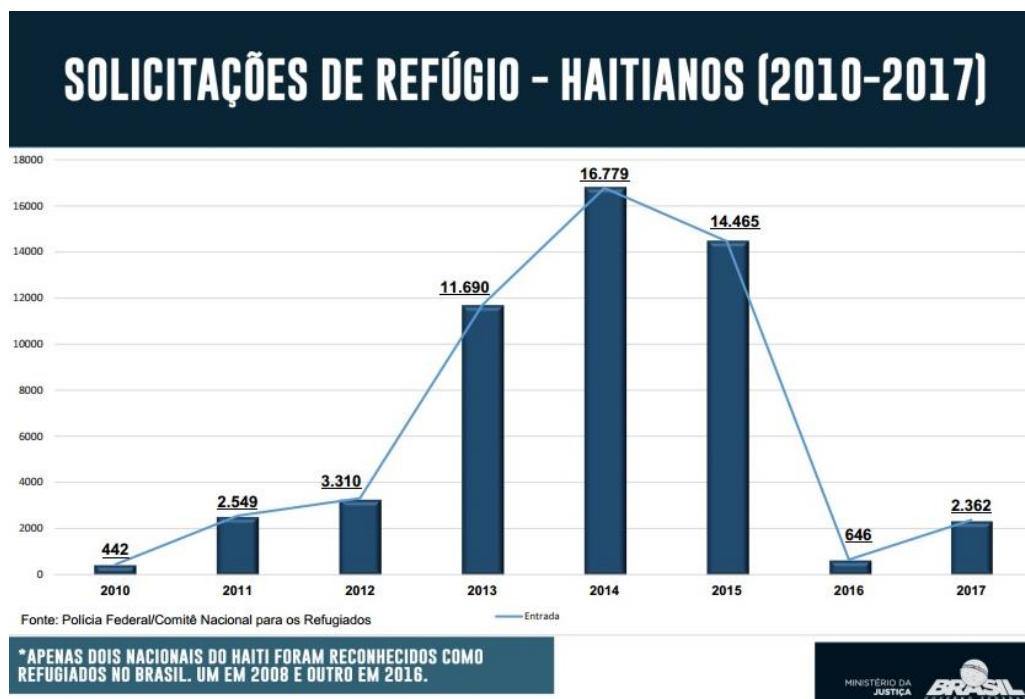
Segundo dados disponibilizados pela ACNUR (Agência da ONU para refugiados) o número de pessoas em deslocamento pelo mundo ultrapassa a marca dos 68 milhões<sup>5</sup>. De acordo com o Observatório de Migrações de São Paulo, o Brasil recebeu no período entre 2000 e 2015 879.505 registros de migrantes internacionais, estando estes distribuídos em 3.432 dos 5.570 municípios brasileiros<sup>6</sup>. Neste cenário entram diferentes condições de estar migrante no país, incluindo a condição e/ou solicitação de refúgio. O Brasil possui, segundo dados disponibilizados pelo CONARE no 3º relatório Refúgio em números (2018), 10.145 refugiados reconhecidos e 86.007 solicitações em trâmite até 2017. Das solicitações

---

<sup>5</sup> Informações disponíveis em <https://nacoesunidas.org/acnur-numero-de-pessoas-deslocadas-chega-a-685-milhoes-em-2017/> Acesso em 08 dezembro 2018.

<sup>6</sup> Informações disponíveis em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/imigrantes-estao-distribuidos-pelo-interior-do-brasil-mostra-pesquisa> Acesso em 04 dezembro 2018.

em processo de avaliação, os venezuelanos correspondem a 53%, seguidos pelos haitianos com 7%. Com relação aos haitianos, população presente nesta pesquisa, somente 2 chegaram a ser reconhecidos na condição de refúgio, conforme observamos no gráfico abaixo, baseado no número de solicitações.



Fonte: BRASIL, 2018, p. 18

Nesse aspecto, sinalizo como um fator determinante para o não reconhecimento da condição de refúgio aos haitianos a relação entre Brasil e Haiti para a concessão de vistos humanitários. O primeiro movimento realizado foi o estabelecimento em janeiro de 2012 da Resolução normativa de nº 97, emitida pelo Conselho Nacional de Imigração - CNIg, em decorrência das condições provocadas pelo terremoto de 2010 no país caribenho. Este visto estava condicionado à um caráter especial e regulamentava a entrada de 1.200 migrantes haitianos por ano em território nacional, ficando vigente até 30 de outubro de 2017.

Recentemente, instituiu-se a Portaria Interministerial de nº 10, de 06 de abril de 2018<sup>7</sup>. A referida portaria estabelece, em seu artigo 1º “os procedimentos a serem adotados em relação à tramitação dos pedidos de visto temporário e autorização de residência para fins de acolhida, humanitária para cidadãos haitianos e apátridas residentes na República do Haiti” (BRASIL, 2018, s/p). O visto

<sup>7</sup> Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Cingapura/en-us/file/Portaria%2010-2018.pdf>

temporário tem validade de 90 dias a partir da entrada no Brasil e, após registro em unidade da Polícia Federal, permitirá um visto de residência temporária de 2 anos, podendo, após este período, o migrante haitiano solicitar visto de permanência.

Outro fator que impulsiona esta migração é o acesso a este visto mediante a embaixada brasileira em Porto Príncipe, possibilitando aos haitianos a entrada regulamentada no Brasil. Na época, a decisão pela implementação desta condição especial justificou-se pela maior possibilidade de controle e regulação do acesso, bem como da coibição de entradas e transportes ilegais deste migrantes ('coiotes' no atravessamento das fronteiras).

Além destes aspectos e o agravamento da precarização das condições na República do Haiti após o terremoto, outros fatores entram neste cenário tornando o Brasil um território mais favorável para a migração, dentre eles o recrudescimento das fronteiras americanas e europeias e o aquecimento econômico em nosso país no período de 2010 a 2013, aumentando as condições de empregabilidade, especialmente nas indústrias de abate de animais e na construção civil. Ainda, cabe destacar que, para os haitianos, o movimento de emigração faz parte da constituição cultural e econômica do país, considerando que “um terço do orçamento da Ilha é financiado por imigrantes que enviam parte da renda ao país de origem” (Margarita MEJÍA, Rosmari Terezinha CAZAROTTO, 2017, p.172). Em conversa, a respeito dos movimentos migratórios haitianos, Simon sinaliza: *“a diáspora haitiana sempre tem como intenção juntar um dinheiro e retornar ao país numa condição melhor, mas isso tem sido difícil”* (Diário de Campo, 28 de junho de 2018).

Ao mencionar a *diáspora* Simon não marca somente o movimento de deslocamento dos haitianos em busca de melhores condições, mas uma denominação, considerando que o termo passa a ser um modo de adjetivar os haitianos que vivem fora do seu país. Além disso, delimita também um sentido e uma ordem política e econômica na qual o “Haiti se insere enquanto país de emigração e de mobilidade” (Joseph HANDERSON, 2015, p. 56).

Nessa perspectiva, a diáspora ganha outras marcas e contorna também sentidos identitários e culturais supostamente essenciais. Stuart Hall (2003) aponta para o quanto um “conceito fechado de diáspora se apoia numa concepção binária da diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’” (p.33). Mas, ao tratar a diáspora caribenha destaca para a não possibilidade de binarismos, propondo pensá-la a partir da noção

derridiana de *différance*, não tomando as fronteiras fechadas em si mesmas, mas como lugares de passagem (Stuart HALL, 2003).

“A cultura caribenha é essencialmente diaspórica. Em termos antropológicos, suas culturas são irremediavelmente ‘impuras’” (ibidem, p. 34). Nesse aspecto, cabe a lembrança do histórico de colonização haitiana (Espanha, França e as intervenções Norte Americanas) e para o quanto estas marcam o país em termos culturais, linguísticos e, de certa forma, na produção dos conflitos internos (instabilidades econômicas e políticas), podendo estes serem fatores significativos para a diáspora.

Deste modo, é

importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o ‘lugar’ (Stuart, HALL, 2003 p. 36).

Estes apontamentos acerca da diáspora caribenha endossam as formas pelas quais Simon se refere ao seu país e a relação que o mesmo estabelece com a migração. Uma relação que se dá não somente aos que migram, mas nas relações que se produzem nestes movimentos de deslocamento e retorno.

Diante deste cenário, mesmo com o declínio significativo da economia brasileira, a chegada de migrantes em território nacional ainda é uma constante (na atual conjuntura, venezuelanos em maior contingente), bem como a busca pelos vistos de reunião familiar. Nesse sentido, segundo dados do OBMigra (2018), correspondentes a julho e setembro de 2018, foram emitidas 18.690 Carteiras de Trabalho e Previdência Social (CTPS), dentre as quais 10.190 para venezuelanos e 3.942 para haitianos, dando a estas nacionalidades diferença numérica significativa em comparação aos outros países de origem. No mesmo período do ano passado o Brasil emitiu 9.738 CTPS.

Além destes dados, outra informação importante e que corrobora com a manutenção do cenário migratório brasileiro, corresponde a movimentação de trabalhadores migrantes no mercado formal de trabalho, onde, de acordo com o país de origem, os haitianos ocupam o primeiro lugar em número de admissões, perfazendo no período de julho a setembro de 2018, 6.392 contratações. O total de admissões de trabalhadores migrantes neste período fechou em 13.859, onde 1.824 foram realizadas no Rio Grande do Sul. No que tange às principais ocupações deste

acesso formal ao mercado de trabalho encontramos: Alimentador de linha de produção, servente de obras e faxineiro<sup>8</sup> (atividades estas que foram encontradas durante a produção de dados desta pesquisa).

Segundo dados disponibilizados pela Polícia Federal<sup>9</sup>, no ano de 2017 registraram-se 103.067 estrangeiros de diferentes nacionalidades, sendo que 14.711 eram da República do Haiti e 2.151 do Senegal. O Rio Grande do Sul contou, em 2017, com o registro de residência de 1.994 haitianos e 805 senegaleses. O município de Lajeado obteve 182 registros, dentre os quais 96 haitianos e 12 senegaleses.

*Era uma sexta-feira ensolarada de setembro. Mais precisamente o dia 28.*

*Mais um dos dias em que eu havia acordado cedo com destino a Lajeado. Lembro de estar aflita, o clima de tensão do período eleitoral estava incandescente, para não dizer uma erupção por completo.*

*Esse lugar de mulher, psicóloga, trabalhadora da saúde, mestranda em educação e tendo como tema de pesquisa as migrações é um lugar doído diante de tantos discursos de ódio, racismo, intolerância e perdas de direitos.*

*Foi, está e será difícil.*

*Mas retornando, sem muito sair. Contava que mais uma vez me dirigia a Lajeado, carregada de todas estas apreensões. Sensação de coração e peito apertado.*

*Chego ao CRAS e entre um café, um papo um pouco mais demorado (já fazia um mês que não nos víamos!) e os atendimentos, nos direcionamos ao centro da cidade para acompanhar um haitiano (que não me recordo o nome, de jeito nenhum.... penso que seu jeito mais contido tenha me deixado mais retraída também) ao escritório de advocacia.*

*Não tive certeza, exatamente, qual era a pauta, entendi, meio por cima, que se tratava de algum contrato imobiliário, talvez uma cobrança indevida? Não sei.*

*O acompanhamento foi para traduzir. Seu conterrâneo devia ser mais novo na cidade, falava pouco em português. Na saída, o mesmo se despediu, contido.*

*Sáímos caminhando, com calma, até o CRAS. Entre as conversas despreziosas e aleatórias, uma pergunta muito direta foi feita: E aí, o que está achando dessas eleições? Lembro de ter ficado de 'calças curtas', como se diz popularmente.*

---

<sup>8</sup> Relatório disponível em <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/admissoes-e-demissoes> Acesso em 02 dezembro 2018.

<sup>9</sup> Disponível em [http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/sincret\\_2017.xlsx/view](http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/sincret_2017.xlsx/view). Acesso em 07 dezembro 2018.



*Disse que estava achando difícil, tenso, um clima de muita animosidade e agressividade.*

*Ele me olhou atentamente e respondeu: Tenho medo!*

*Respondi: Eu também!*

Diante destes aspectos que montam parte<sup>10</sup> do cenário contemporâneo da migração brasileira, cabe ressaltar que a temática da migração perpassa a construção histórica do Brasil, especialmente no que tange aos fluxos migratórios (preferencialmente) europeus para o povoamento do território nacional e o branqueamento da população no final do século XIX<sup>11</sup>.

Considerando este levantamento, justifica-se a relevância deste estudo, e a necessária atenção às diferentes experiências de se estar migrante no país. Deste modo, tomei a migração como aspecto ampliado, porém demarcado para as condições de maior vulnerabilidade, bem como, a uma condição restrita aos acessos construídos durante o percurso de pesquisa no município de Lajeado/RS. Sendo assim, cabe dizer melhor de que migrações estou falando. Nesse sentido a primeira e diria até, mais importante ressalva a ser realizada é que não tomei o refúgio como questão de análise. Desse modo, considerei a generalidade da migração, sem desconsiderar as diferentes condições de entrada no país, mas não tomando-as como análise e/ou critério para a pesquisa.

A segunda, diz respeito às diferentes classificações no que tange a um *status* migratório. No documento intitulado *Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil* produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA e pelo Ministério da Justiça, publicado em 2015, estabelece oito diferentes categorias, sendo elas: refugiado; solicitante de refúgio; deslocados ambientais; imigrantes econômicos; imigrantes humanitários; apátridas; imigrantes em fluxos mistos; e imigrantes indocumentados. Vale destacar que estas categorias podem ser ocupadas simultaneamente por um mesmo sujeito migrante.

---

<sup>10</sup> Tomo como uma parcela, considerando as limitações e os acessos desta pesquisa, voltados a um determinado município do interior do Estado do Rio Grande do Sul, não podendo ser determinante se considerarmos as condições do norte do Brasil.

<sup>11</sup> Para este tema sugiro as seguintes leituras: SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 e SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quase pretos, quase brancos. Entrevista concedida para Carlos Haag. In: Pesquisa Fapesp, ed. 134, abr 2007. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2007/04/01/quase-pretos-quase-brancos/> Acesso em: 19 nov 2017.

O Brasil, em termos de legislação no que tange à migração, passou por um processo de reformulação recente, promulgando em maio de 2017 a lei nº 13.445, instituindo a Lei de Migração<sup>12</sup> do país, revogando as leis 818/1949<sup>13</sup> e 6.815/1980<sup>14</sup>. A Lei de Migração brasileira define cinco categorias, sendo estas: imigrante; emigrante; residente fronteiriço; visitante; e apátrida. A mesma destaca, em seu art. 2<sup>a</sup>, que não anula as disposições previstas “na aplicação de normas internas e internacionais específicas sobre refugiados, asilados, agentes e pessoal diplomático ou consular, funcionários de organização internacional e seus familiares” (BRASIL, 2017, s/p.) No que se refere a esta, em relatório anual da Secretaria Nacional de Justiça e Cidadania, dispõe de expectativas quanto ao “reconhecimento da imigração como fenômeno inerente à dignidade humana, e do imigrante como elemento constitutivo da história e da cultura do povo brasileiro” (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2016, p. 37).

Nesse aspecto, o estabelecimento da Lei de Migração e a revogação do Estatuto do Estrangeiro, cunhado sobre as diretrizes de segurança nacional da ditadura militar, entram em consonância com a Constituição Federal de 1988, especialmente em seu art. 3<sup>o</sup>, inciso IV, em que define a promoção do “bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, s/p.) e no disposto em seu art. 5<sup>o</sup>, definindo que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988, s/p. grifos meus).

Deste modo, as classificações em torno da migração, apresentam-se com atravessamentos jurídicos, de definições as quais protegem e regem os passos dados tanto pelos sujeitos migrantes, quanto pelos Estados-Nação. Com isso, vale destacar, de certo modo, as tentativas de marcação de um “ethos nacional” (cf. Arjun APPADURAI, 2009), considerando que

---

<sup>12</sup> Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm) Acesso em 07 dez 2017.

<sup>13</sup> Regulava a aquisição, a perda e reaquisição da nacionalidade, e a perda dos direitos políticos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L0818.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0818.htm) Acesso em 07 dez 2017.

<sup>14</sup> Estatuto do estrangeiro. Definia a situação jurídica do estrangeiro no Brasil e criava o Conselho Nacional de Imigração. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6815.htm) Acesso em 07 dez 2017.

nenhuma nação moderna, por mais benevolente que seja seu sistema político e por mais eloquentes que sejam suas vozes públicas sobre as virtudes da tolerância, do multiculturalismo e da inclusão, está livre da ideia de que sua soberania nacional se baseia em alguma espécie de *genius étnico* (Arjun APPADURAI, 2009, p.14).

Nessa perspectiva, ao tomar a ideia das estrangeiridades, também abro espaço para a conotação de estranho/estrangeiro que se cola a imagem dos migrantes, associando aos mesmos uma significação de ‘arauto de más notícias’ e as suas presenças como o “sal na ferida” (Zygmunt BAUMAN, 2005, p. 74), “personificações do colapso da ordem” (Zygmunt BAUMAN, 2017, p. 20). Assim,

eles nos tornam conscientes e nos lembram daquilo que preferiríamos nos esquecer ou, melhor ainda, fazer de conta que não existe: forças globais, distantes, mas [...] poderosas o suficiente para interferir também em nossas vidas [...]. Esses nômades – não por escolha, mas por veredicto de um destino cruel – nos lembram, de modo irritante, exasperante e aterrador, a (incurável?) vulnerabilidade da nossa própria posição (Zygmunt BAUMAN, 2017, p. 21).

Com isso, mesmo que se tenha dado um grande salto no ordenamento jurídico brasileiro, resquícios de uma legislação instaurada sob as égides do regime militar (1964-1985) onde houve o acirramento de fronteiras, os discursos nacionalistas inflamados e o tratamento aos migrantes, em consonância com estes aspectos, regulado pelo crivo da ‘segurança nacional’<sup>15</sup> ainda produzem efeitos. Assim, vivemos um tempo de exaltação de discursos de extrema direita que retomam, especialmente, as posições nacionalistas.

Além disso, a adjetivação de *crise* para as ondas migratórias contemporâneas endossa esta conotação, relegando ao sujeito migrante um tom ameaçador e alarmante, acarretando uma certa desumanização, o que abre espaços para a exclusão (cf. Zygmunt BAUMAN, 2017). Por crise, Zygmunt Bauman e Carlo Bordoni (2016) destacam os sentimentos de incerteza e ignorância como moventes para um ímpeto de intervenção e de escolhas das medidas certas (e tomadas como urgentes) a serem aplicadas.

A título de exemplo, trago uma das declarações do presidente eleito Jair Bolsonaro quanto ao tema da migração: “O Brasil tem que ter regras. Não pode importar pessoas sem critério. [...] Tem que haver triagem”<sup>16</sup>, defendendo a partir desta fala uma classificação dos migrantes passíveis de serem acolhidos ou não,

---

<sup>15</sup> Sobre o histórico brasileiro nas migrações, uma página interessante a ser visitada: [www.midiacidade.org](http://www.midiacidade.org)

<sup>16</sup> Reportagem disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-br/bolsonaro-critica-lei-contra-racismo-e-defende-triagem-para-imigrantes> Acesso em 08 dezembro 2018.

endossando sua posição contrária à lei de migração brasileira. A partir dessa concepção de triagem e das demais associações mencionadas anteriormente, aceleram-se os processos que impulsionam “à passagem do tema da migração da esfera da ética para a das ameaças à segurança” (Zygmunt BAUMAN, 2017, p. 84).

Na mesma perspectiva, o chanceler Ernesto Araújo indicado pelo novo presidente, posicionou-se contra a então assinatura do Brasil ao *Pacto Global por uma Migração Segura, Ordenada e Regular* proposto pela ONU, sinalizando a saída do país no próximo ano. Além desta, declarou em sua conta no Twitter que “a imigração não deve ser tratada como questão global, mas sim de acordo com a realidade e a soberania de cada país”, bem como que “a imigração é bem vinda, mas não deve ser indiscriminada. Tem de haver critérios para garantir a segurança tanto dos migrantes quanto dos cidadãos no país de destino”<sup>17</sup>. Nas duas declarações o chanceler reforça aspectos como insegurança, risco e incerteza na imagem do migrante, estimulando recrudescimentos.

Zygmunt Bauman (2017) aponta para uma instabilidade acionada por rápidos e passageiros momentos de solidariedade desencadeados pelas imagens trágicas em relação a saga dos migrantes, onde, caso contrário, “tendemos a viver num mundo claramente separado, em aparência de modo irreversível, entre ‘nós’ e ‘eles’” (Zygmunt BAUMAN, 2017, p. 79). Desta maneira, “mesmo que haja [...] algo muito novo na origem dos atuais deslocamentos em massa de pessoas, pouco há de inédito no padrão de respostas sociais/políticas a eles” (ibidem, p. 70).

Na mesma direção, as discussões de fronteiras e a produção de um excedente populacional, nomeado como refugio (cf. Zygmunt BAUMAN 2005), vinculada a uma expansão global soam potenciais alarmes para as agendas políticas internacionais, incitando “estratégias globais emergentes e na lógica das lutas pelo poder” (ibidem, p. 14). Assim, acompanhamos políticas de fechamentos de fronteiras, deportações em massa e outras ações de coibição para os deslocamentos, onde, de certo modo, a estratégia é a remoção dos refugos humanos, que “só nos preocupam quando as defesas elementares da rotina se rompem, e as precauções falham” (Zygmunt, BAUMAN, 2005, p. 39).

---

<sup>17</sup> Informações disponíveis em:  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/10/internacional/1544438184\\_274731.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/10/internacional/1544438184_274731.html) Acesso em 11 dezembro 2018.

Diante destes aspectos, é possível perceber, tendo em vista os exemplos já mencionados acima, outros movimentos no Brasil em consonância com uma posição e discursos de defesa do território nacional e da população, marcando as fronteiras como 'nós' e 'eles'. Movimentos de fechamento.

\*\*\*

Além desse contexto nacional e internacional, cabe trazer algumas informações acerca do município de Lajeado, cidade onde ocorreu a produção de dados desta pesquisa.

O município de Lajeado localiza-se no interior do Estado do Rio Grande do Sul, no Vale do Taquari, ficando a 112 km da capital Porto Alegre. Segundo informações disponíveis no site do município<sup>18</sup>, o mesmo conta com registros de migração em seus primórdios, considerando a chegada de açorianos a partir de 1757, de alemães em 1854 e de italianos em 1882. Ainda, destacam que a população é formada por imigrantes alemães na sua maioria, italianos, africanos e portugueses.

No histórico da cidade, endossam a caminhada de migração européia e exaltam as marcas arquitetônicas e culturais advindas da mesma, como destaques e características do município.

Segundo informações disponibilizadas pelo IBGE, a população estimada do município para o ano de 2018 gira em torno dos 82.000 habitantes<sup>19</sup>. Ainda, com relação à população, o município cresceu 19,7% no período de dez anos (2006-2016), acima da taxa estadual, que fechou em 4,7%.

Em termos econômicos, o município de Lajeado ocupa o 6º lugar no Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal<sup>20</sup>, com um PIB per capita de R\$ 44.199,92 (IBGE, 2016)<sup>21</sup>, com uma média de empregos formais que atende entre 34% a 60% da população em idade produtiva, onde o destaque se dá ao setor secundário

---

<sup>18</sup> <https://www.lajeado.rs.gov.br>

<sup>19</sup> Informações disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/informacoes-por-cidade-e-estado.html?t=destaques&c=4311403> Acesso em 21 dez 2018.

<sup>20</sup> Informações disponíveis em: <https://firjan.com.br/ifdm/consulta-ao-indice/ifdm-indice-firjan-de-desenvolvimento-municipal-resultado.htm?UF=RS&IdCidade=431140&Indicador=2&Ano=2016> Acesso em 21 dez 2018.

<sup>21</sup> Informações disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/informacoes-por-cidade-e-estado.html?t=destaques&c=4311403> Acesso em 21 dez 2018.

(indústrias e construção civil) que juntas perfazem 39% das vagas com carteira assinada do município<sup>22</sup>.

Com relação a este último fator, durante o processo de produção de dados a maior parte dos migrantes com os quais obtive contato estavam vinculados ao setor secundário, mantendo atividades em empregos formais em frigoríficos ou empresas de construção civil. A chegada dos migrantes ocorreu, em sua maioria, a partir de 2011, coincidindo com o período de aquecimento econômico do Brasil.

Olhando para a construção deste rápido cenário do município, é possível compreender a intensificação dos movimentos migratórios para o mesmo, bem como para o Vale do Taquari, tendo em vista os fatores econômicos favoráveis que incidem também sobre o acesso a serviços de saúde, educação e assistência social.

Nesse aspecto cabe retomar que minha aproximação indica que as primeiras chegadas a região se deram mediante a busca destes migrantes no Amazonas e no Acre para atender a uma necessidade de mão de obra de empresas vinculadas à construção civil e indústrias de abate de animais. Em seguida, as outras chegadas foram se constituindo pelos contatos que os migrantes mantêm com seu país de origem e as redes de acolhimento que os mesmos vão produzindo para aqueles que estão iniciando o processo de migração.

\*\*\*

Remontar ao município como parte desse processo de contextualização, implica necessariamente na retomada de uma outra história: A de Renel Simon. História com a qual me encontrei no processo de construção desta pesquisa e sem a qual não seria possível conceber a mesma.

Como não sou afeita a muitas linearidades, começo lhes contando o primeiro encontro com Simon. E, para isso, também preciso retomar um pouco do meu processo de construção de intenções para esta dissertação.

Pois bem, para chegar até ele meu percurso se deu no estranhamento das rápidas ausências de migrantes na cidade onde resido (Santa Cruz do Sul). Tentei, de algum modo, acompanhar as passagens dos mesmos pelo município, mas com dificuldades. Até que na reunião do dia 18 de abril de 2017 do grupo de pesquisa

---

<sup>22</sup> Informações disponíveis em: <http://agenda2020.com.br/sinaleira/lajeado/#e> Acesso em 21 dez 2018.

Políticas Públicas, Inclusão e Produção de Sujeitos<sup>23</sup> uma informação me levou até a cidade de Lajeado: *“um dos frigoríficos do Vale do Taquari possui 30% do seu quadro composto por migrantes”*.

A partir desta aproximação e em conversa com a Gisele Dhein, doutoranda integrante do grupo de pesquisa que atua como docente na Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES) localizada em Lajeado, a mesma recordou da presença de um haitiano que atuava junto ao CRAS do município. Levando em conta interesses comuns nos territórios de pesquisa, agendamos uma reunião com a equipe do referido serviço no dia 02 de fevereiro de 2017.

Ainda me recordo do dia. Na chegada a porta, a mesma que abre este texto, um aviso dava as boas vindas:

ABERTO

OUVERT

OUVRI

OPEN

Marcas de outras passagens. Outras línguas.

Aguardamos alguns minutos na recepção até sermos recebidas pela assistente social e a psicóloga do serviço. Simon chegou em seguida. Se apresentou e logo emendou dizendo que tinha muitas atividades naquele dia (esta foi a primeira, das muitas vezes que escutei esta frase!). Nos apresentamos, falamos sobre os nossos interesses de pesquisa e o desejo de entender melhor as suas atividades junto ao CRAS. Pouco falamos depois disso. Simon falou com propriedade sobre os percursos de trabalho que o acompanhavam (e ainda acompanham).

Lembro de ter saído entusiasmada da reunião dizendo para a Gi que seria ele e o seu trabalho que dariam vida a dissertação. Saí convicta de que precisava acompanhá-lo!

Simon nasceu em Verretes no Haiti e é o mais velho de três irmãos. Tem 29 anos. É casado e possui 3 filhos, dois deles já nasceram em solo brasileiro. A esposa também é haitiana.

Simon chegou ao Brasil no início de 2012, no Amazonas. Relatou que fez a viagem sozinho e foi conhecendo outros haitianos durante o percurso. Quando

---

<sup>23</sup> Grupo de pesquisa coordenado pela professoras Dr.<sup>a</sup> Betina Hillesheim e pelo professor Dr. Camilo Darsie, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul, ao qual esta dissertação encontra-se alocada.

decidiu migrar havia se casado a pouco tempo e a filha ainda era bebê. Sua migração foi motivada pela necessidade de conseguir emprego, ter uma condição financeira melhor, algo que estava muito difícil em seu país.

A esposa e a filha chegaram ao Brasil em 2013 e atualmente, além delas e os outros dois filhos, a sogra também vive com a família. Numa de nossas conversas Simon me falou do seu desejo de trazer seu irmão mais novo, por quem demonstrou ter muito carinho e preocupação.

Desde os primeiros contatos com Simon a marca da educação se fez presente em seus relatos. O desejo de estudar, a importância para o espaço da escola e as oportunidades de terminar o ensino médio e entrar na universidade que sua vinda ao Brasil lhe possibilitou, eram temas recorrentes de nossas conversas. Falou do aprendizado e da universidade com apreço. Iniciou Relações Internacionais na UNIVATES mas está com matrícula trancada por questões financeiras.

Na relação que estabelecemos muito conversamos sobre o espaço do trabalho em sua vida. Por diversas vezes me disse perceber que não consegue distinguir muito suas atividades profissionais e sua vida em família. *“Todos que chegam me procuram. As vezes recebo as pessoas na minha casa”*.

Acompanhar Simon foi ouvir, ver e sentir que *“é muito trabalho!”*.

Assim, esta escrita também se deu na intenção de reconhecê-lo, nesse processo, como pesquisador e facilitador dos percursos deste dissertar. E, caso tenha gerado um pouco mais de interesse, Simon em parceria com a professora Margarita Rosa Gaviria Mejía publicou sua biografia em 2015, sob o título: *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*. O livro está disponível online, no seguinte endereço: <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/135>.

*Rodoviárias são lugares de muitas e distintas vidas. Normalmente de vidas expostas. E falo daquelas que, porventura do destino, encontram nas rodoviárias, por vezes, lugar de abrigo. Os bancos da estação viram camas, ônibus são casas.*

-

*Cheguei na rodoviária próximo das seis da manhã. Ainda estava amanhecendo. Meu ônibus com destino a Lajeado sairia do box 14. Na chegada, uma pequena fila, três homens e uma mulher, negros, magros e altos. Estavam organizando as bagagens para embarcar. Eram muitas malas e sacolas. Uma a uma as malas eram identificadas. Num*



*português estrangeiro entendo a orientação dada aos motoristas, para que tomem cuidado, pois algumas coisas quebram.*

*Fiquei com a impressão de que eles e ela são dessas vidas expostas nesses lugares estranhos de rodoviária.*

*Embarcamos com o mesmo destino, suponho.*

*Conversam poucas palavras em francês. Não sei quais são as nacionalidades.*

*O ônibus é vazio nesse horário, mas para muitas vezes, para ir embarcando as pessoas durante o trajeto. O famoso ‘pinga-pinga’.*

*Não consigo dormir, pois a cada freada, pausa, arranque, chacoalho e acordo.*

*Já desisti de tentar tirar o cochilo. Um bom e velho livro acompanha meu percurso.*

*Deduzo que eles estivessem muito cansados.*

*Dormiram o trajeto todo, mesmo com todos os solavancos.*

*Acertei o palpite! Eles desembarcam logo na minha frente.*

## Referências

APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número**. Ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras, 2009.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Líliliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BRASIL, Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Dados sobre o refúgio no Brasil**. 3ª ed, CONARE, 2018. Disponível em: [http://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/refasgio-em-nasmeros\\_1104.pdf](http://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/refasgio-em-nasmeros_1104.pdf) Acesso em: 04 dez 2018.

BRASIL, Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Portaria Interministerial nº10**, de 06 de abril de 2018. Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Cingapura/en-us/file/Portaria%2010-2018.pdf> Acesso em: 04 dez 2018.

BRASIL, Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em: 09 ago 2017.

BRASIL, Senado Federal. **Lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Brasília, DF, 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm) Acesso em: 07 dez 2017.

DARSIE, Camilo. **Educação, Geografia e Saúde**: Geobiopolíticas nos discursos da Organização Mundial da Saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia Vol.1. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GOETTERT, Jones Dari. Paradoxos do Lugar Mundo: Brasileiros e identidades. In: SPOSITO et al. **Geografia e migração**: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão popular, 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HANDERSON, Joseph. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. In: **Horizontes Antropológicos**, ano 21, n. 43, jan./jun, p. 51-78. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003> Acesso em: 07 dez 2018.

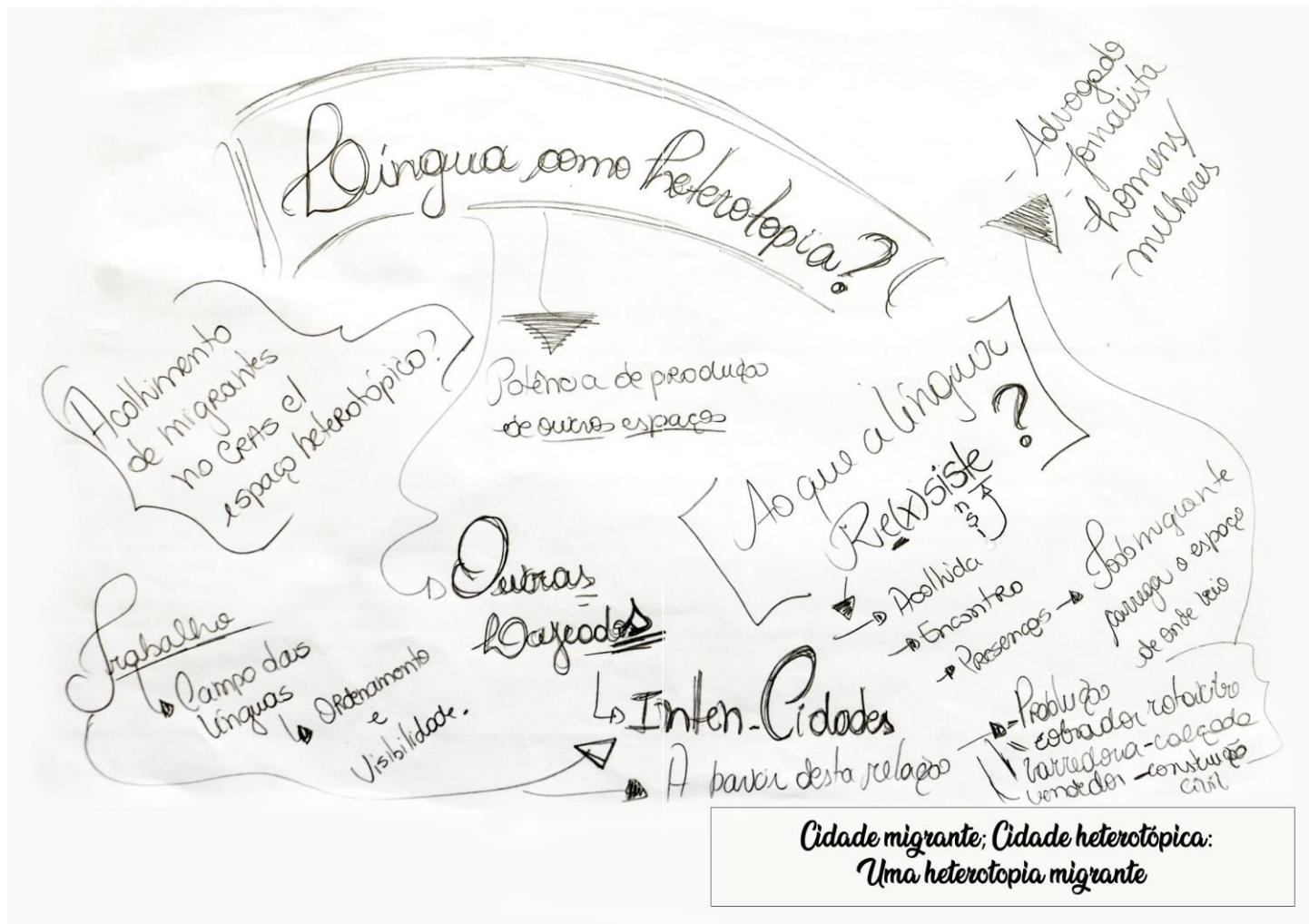
MEJÍA, Margarita; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha. O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. In: **Repocs**, v.14, n.27, jan/jun 2017. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/6452> Acesso em: 07 dez 2018.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Migrantes, apátridas e refugiados**: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos IPEA, 2015. Disponível em: [http://pensando.mj.gov.br/publicacoes/?pub\\_id=1003906%20](http://pensando.mj.gov.br/publicacoes/?pub_id=1003906%20). Acesso em: 07 dez 2017.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Relatório de gestão 2015/2016**. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça e cidadania, 2016. Disponível em: [http://www.justica.gov.br/news/secretaria-nacional-de-justica-e-cidadania-divulga-relatorio-de-gestao-2015-2016/relatorio-de-gestao-snj-2015-2016\\_versao\\_divulgacao.pdf](http://www.justica.gov.br/news/secretaria-nacional-de-justica-e-cidadania-divulga-relatorio-de-gestao-2015-2016/relatorio-de-gestao-snj-2015-2016_versao_divulgacao.pdf) Acesso em: 07 dez 2017.

OBMigra. **A movimentação do trabalhador imigrante no mercado de trabalho formal**: CTPS- CAGED, 3º Trimestre (jul-set) 2018/ Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2018 Disponível em: <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/admissoes-e-demissoes> Acesso em 02 dezembro 2018.

#### 4 CIDADE MIGRANTE; CIDADE HETEROTÓPICA: UMA HETEROTOPIA MIGRANTE



## **CIDADE MIGRANTE; CIDADE HETEROTÓPICA: UMA HETEROTOPIA MIGRANTE**

Em outro momento já destaquei o lugar que a cidade ganhou nesse processo de pesquisa. Um *ethos*, um modo, um conjunto de práticas de subjetivação, máquinas enunciativas (cf. Félix GUATTARI, 2012). Penso que tenha sido assim que a nomeei até aqui. Como *ethos*, preciso lhe dar o lugar que lhe cabe nesse processo, mas não é um lugar que ela tenha ocupado sozinha. A cidade tem sido acompanhada da ou das heterotopias.

Para tanto, preciso dizer uma primeira coisa: Cidade como espaço estriado, marcado, definido, instituído, mas também possível de produzir linhas de fuga, escapes, fissuras. Neste último é que encontramos as heterotopias.

Considerando tais questões é que me dedico neste momento a lhe contar um pouco dos meus percursos de encontro com estes dois espaços (como espaços conceituais que agenciam-se ao trabalho e aos migrantes).

\*\*\*

### **Cidade**

A cidade se mostrou pra mim. Se exibiu como questão, no movimento do andar, atento e lento. Olhar para Santa Cruz do Sul<sup>24</sup> nos lugares de esvaziamento dos sujeitos migrantes que por esta cruzaram me fez atentar para tal. Atentar para as marcas que precedem este urbano como lugar de circulação. Uma circulação que se dá através das pessoas, dos produtos produzidos, das culturas e costumes, das relações. Marcas que precedem e se reinventam.

Aqui, embora tenha levado em consideração, não me interessa retomar os aspectos geográficos das definições de cidade e urbano, por exemplo, mas considerar essa compreensão maior, que tangencia uma ideia de cidade: uma aglomeração de pessoas, práticas de vendas, indústrias, trocas, moradias e, uma

---

<sup>24</sup> Aponto a cidade de Santa Cruz do Sul, considerando o processo de construção da temática de pesquisa e os primeiros estranhamentos frente a cidade onde resido que fizeram eco e movimento para as questões desta dissertação, mesmo que ela não tenha sido campo de análise.

administração pública. É considerar a construção desse espaço de aglomerações nas relações produzidas com este.

Nessa perspectiva, a ocupação e circulação pela cidade conformam formas de construção e aprendizagem no espaço urbano, onde “a distribuição de territórios urbanos nos leva a determinados modos de relação [...] A dinâmica das cidades compõe o conjunto de emergências históricas e culturais que participam de nossa constituição como sujeitos” (Caroline REIS et al, 2015, p.13). É pensar na cidade como uma prática que ensina, na rua que conforma modos de ser; É pensar que “o meio ambiente construído define as funções sociais e as relações” (Yi-Fu TUAN, 1983, p. 114), a “arquitetura ensina” (p.114) e “atende a um propósito educacional” (p. 125).

A cidade como uma espacialidade que fixa e dá mobilidade. Estria e desliza. “[A]s cidades modelizam também regimes de sensibilidade, interpelando-nos, acionando e modelizando perceptos, memórias, afetos, ações” (Manuela, ROMERO, Maria Helena, ZAMORA, 2016, p. 453). Cidade como experiência.

Desse modo, ressalto que olhei para a cidade a partir destes contornos, tomando-a como parte do processo cartográfico.

\*\*\*

## **Heterotopias**

Já o disse conceitualmente<sup>25</sup>, mas entendo que algumas retomadas se fazem importantes neste momento, considerando especialmente o encontro com a Cidade. Assim, preciso marcar o espaço, como costura desta relação. O alinhar cidade-heterotopias.

Considerando a proposta lançada, lhes digo que a heterotopia enquanto operador conceitual também me encontra, mas diferentemente da cidade ela não se exhibe, ela cai, no colo, sem muito dizer a que veio. Explicando: Estava com os primeiros movimentos sobre e com a cidade latentes e vinha no exercício de construir a (famosa!) pergunta de pesquisa. Tenho por hábito escrever para pensar. Para isso, circulei por alguns autores, tive um rápido e rasteiro encontro com Heidegger e seu conceito de habitar, mas não conseguia me fazer operar, costurar,

---

<sup>25</sup> Transito pelo conceito no texto: *Do ato de pesquisar com: escolhas teórico metodológicas*.

conversar. Nas buscas pelas espacialidades um texto me cai: *De Outros Espaços* (Conferência proferida por Michel Foucault em 14 de março de 1967 para arquitetos). Não conhecia o conceito, nem este texto de Foucault, mas de imediato fez muito sentido! (Se ainda o faz, não tenho tanta certeza, pois, na medida em que usamos também (re)fazemos os conceitos).

Dessa maneira, gostaria de destacar a produção de um exercício de 'olhar heterotópico', tensionando as formas estabelecidas de olhar para a cidade e conseqüentemente para os espaços<sup>26</sup> e as relações que estabelecemos com os mesmos. Um esforço de deslocamentos. Que outros modos se produzem nessas relações?

Para tanto, é preciso voltar um pouco no conceito. Hetero + Topia = Outro Espaço. Uma primeira busca pelo significado: uma localização não habitual. Na biologia e na medicina designa um deslocamento ou a presença de um órgão, tecido ou parte do corpo em localização anormal<sup>27</sup>. Uma produção de diferenciação e divergência.

Deste modo, ao deslocar o conceito da biologia para o espaço, Michel Foucault - e aí me arrisco muito nesta afirmação - opera na produção de uma relação corpo e espaço. O corpo como possibilidade de produção desta localização anormal, desta divergência.

Para chegar na construção de uma ideia de heterotopia, Michel Foucault (2015) transita pelas concepções de espaço, destacando uma importante mudança na compreensão deste a partir das teorias de Galileu, apontando para um movimento de substituição, a partir do século XVII, do espaço como localização para o espaço como extensão. Diante dessa compreensão de espaço, "o lugar de uma coisa não passava afinal de apenas um ponto do seu movimento, exatamente como o repouso de uma coisa não passava do seu movimento infinitamente ralentado" (Michel FOUCAULT, 2015, p. 429).

Ainda, acerca da mesma questão, Foucault (2015) sinaliza para uma outra mudança, ao sinalizar também uma entrada do espaço como posicionamento, em detrimento da extensão. Para o mesmo, esta vincula-se "pelas relações de

---

<sup>26</sup> Ao trazer a nomenclatura no plural, parto das discussões de Foucault sobre as heterotopias como outros espaços e de Deleuze e Guattari sobre os espaços lisos e espaços estriados.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/heterotopia/>

vizinhança entre pontos ou elementos; [...] como séries, organogramas, grades” (Michel FOUCAULT, 2015, p. 429).

Marcas para um processo de rompimento de uma concepção sacralizada do espaço, embora, para Michel Foucault (2015) ainda operamos com alguns dualismos espaciais, tais como: “espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho” (p.413).

Nessa perspectiva, o mesmo vai apontando que o problema do espaço se constitui enquanto uma questão demográfica, na medida em que as relações de vizinhança, os tipos de circulação, vão produzindo localizações e classificações dos lugares estabelecidos aos sujeitos. “[O] espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos” (Michel FOUCAULT, 2015, p.413).

\*\*\*

### **Migrantes: espaços heterotópicos**

Ao compreender a cidade como espaço produtor de subjetividades, marco formas outras de aprender a partir das localizações dadas por esta aos migrantes, considerando nestes aspectos certa distribuição espacial que, via de regra, se deu mediante as oportunidades de trabalho possibilitadas.

*Havia um trabalhador da Stacione<sup>28</sup> na esquina. Simon nos apresenta: Ele é advogado! (Diário de Campo, 13 de julho de 2018).*

Para dizer desta cidade produtora a partir das relações estabelecidas com os migrantes e seus trabalhos, digo primeiro da sala de onde saíram a maior parte das histórias que você encontra aqui, bem como situou-se como ponto de encontro dos pesquisadores com a cidade. A sala a qual me refiro é uma das salas destinadas a realização do Cadastro Único do Sistema Único de Assistência Social e ao encaminhamento da acolhida aos migrantes da cidade e região. Pensando bem, não se tratava só de espaço de documentos e preenchimentos, mas pelo contrário,

---

<sup>28</sup> Empresa responsável pelo estacionamento rotativo do município.



situava-se como espaço de acolhida e linguagem – português, francês e creole -, uma Torre de Babel.

Aqui, cabe uma ressalva: A referência a Torre de Babel retoma o mito bíblico, mas não na intenção de produzir uma discussão e produção de uma unanimidade, mas de ‘babelizar’ (cf. Jorge LARROSA, Carlos SKLIAR, 2011) a própria compreensão em torno da língua. Com isso, não se trata somente das muitas línguas que por ventura circularam, simultaneamente no espaço da sala e eram, para muitos incompreensíveis, mas especialmente pela multiplicidade e diferença que delas se produziram.

Assim, brincar com o mito de Babel é pautar a migração e suas diversidades, atentando para os movimentos que ela provoca e evoca, marcando, em ato, o “fim da unanimidade, da totalidade e da mesmidade: da dispersão dos homens, da destruição da torre, da perda do nome, da confusão da língua e do aparecimento de outros homens, de outras torres, de outros nomes e de outras línguas (Jorge LARROSA, Carlos SKLIAR, 2011, p. 10).

A sala onde Simon realiza os atendimentos aos migrantes é pequena, possui uma janela, um computador e três cadeiras. Quando acompanhava os atendimentos muitas vezes fiquei de pé, próximo a porta, para não atrapalhar e preencher ainda mais um espaço já restrito. Mas era a sala onde, além dos muitos papéis, cópias de documentos, fichas de preenchimento e várias assinaturas, produziam-se encontros. Ouvi histórias de sonhos, traduzidas posteriormente. Fui alvo de risos incompreendidos com a minha presença. Fui estrangeira. Naquela sala cabia o Haiti e o Senegal. Cabia o português, o creole e o francês.

De alguma forma a sala era ponte entre diferentes países. Lugar de pausa e passagem. Pausa como redução de velocidade, ponto de acolhida. Passagem pois é ponto em trânsito. Passar pela sala do Simon no CRAS é condição para seguir a viagem, que não, necessariamente implica numa mudança para outro município, país, mas a possibilidade de permanência e percurso. Assim, de alguma forma, me arrisco a pensar nesta sala como porta de entrada para a cidade de Lajeado.

Era na sala que se levantavam as necessidades de encaminhamentos, onde pensava-se em outros espaços de circulação e o contato com outros serviços da rede. Era no espaço da acolhida que as relações de trabalho surgiam.

*Trabalho como varredora, que não é um trabalho muito bom, muito pesado, na rua o tempo todo. As brasileiras não ficam, no máximo 2 meses (Diário de Campo, 04 de agosto de 2018).*

Com isso, é a partir das relações com as atividades ditas como não mais desejadas pelos brasileiros que as relações com a cidade se construíram. Desde o advogado que não ocupa os espaços dos escritórios de advocacia e dos fóruns até a mulher que saiu do frigorífico por não suportar o frio extremo e a um ano ocupa a função de varredora de calçadas. Os pontos que ambos têm em comum? O espaço da rua como local de trabalho.

A rua como espaço aberto mas ao mesmo tempo determinado. Uma circulação restrita a determinados lugares. É a cidade quem convida os migrantes: *“veio ao RS por uma empresa de construção civil. Neste tempo, morou em uma casa alugada pela empresa com mais 12 colegas também imigrantes – ‘As empresas iam e buscavam quantos queriam. Precisavam de mão de obra’” (Diário de Campo, 28 de junho de 2018).* Trabalhos determinados: auxiliares na construção civil, auxiliares de produção em indústrias de abate de animais, cobradores de estacionamento rotativo, varredores.

A cidade convida e abre passagens pelas atividades de trabalho realizadas e pelos lugares de pausa produzidos pelos percursos. *“Todos conhecem o Simon, qualquer estrangeiro que chega é levado até ele” (Diário de Campo, 10 de agosto de 2018).* O CRAS, a partir do lugar ocupado por Simon passa a ser um dos primeiros lugares de pausa, redução de velocidade do movimento migrante. Assim, não há interrupção a partir da pausa produzida, mas ponto de acolhida e ancoragem, tal qual a imagem de um navio que embora ancorado ainda está sob os efeitos do balanço marítimo.

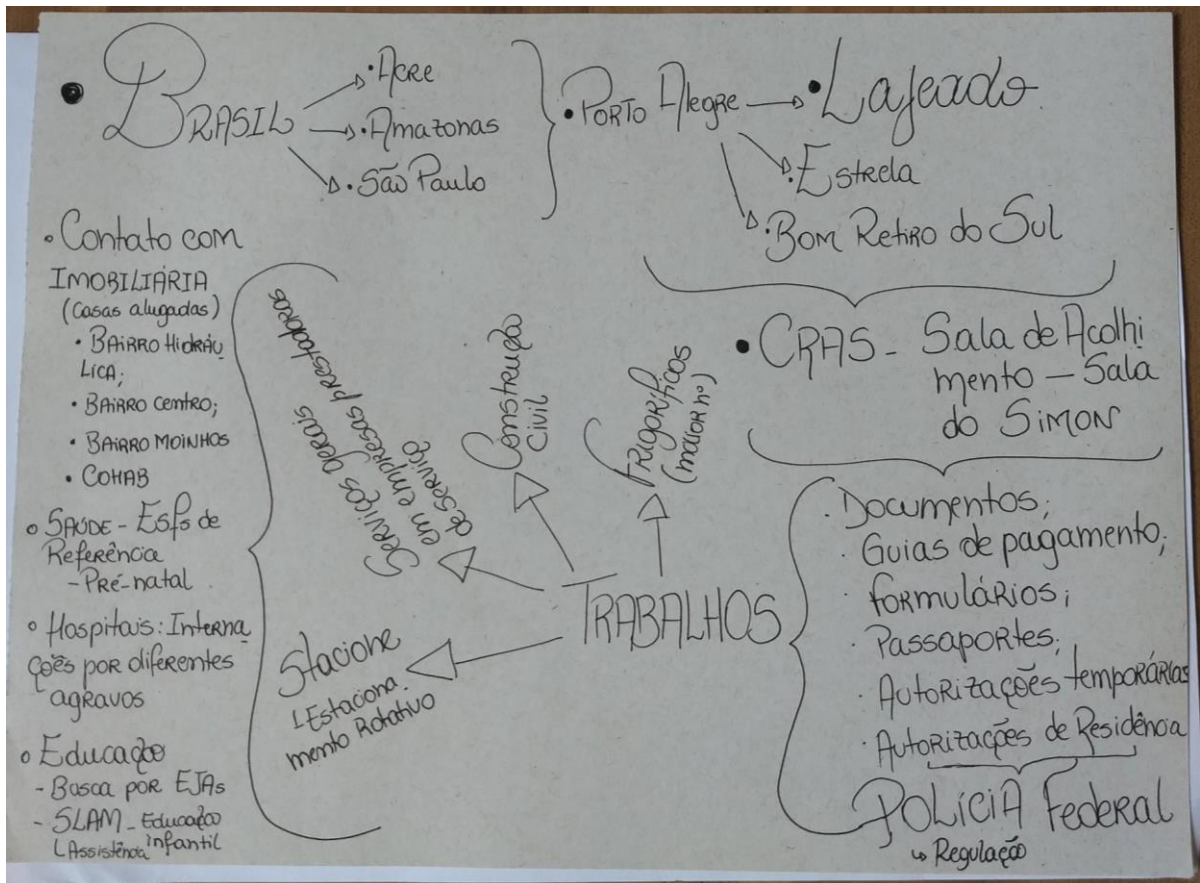
Lugares de pausa também como lugares que produzem marcas e determinações: fichas de preenchimento, emissão de guias de pagamento, taxas para a legitimação de uma entrada estrangeira. Nesse cenário a Polícia Federal ganha um espaço privilegiado, constituindo-se como pausa, mesmo estando fisicamente alocada em outro município (Lajeado e Santa Cruz do Sul<sup>29</sup> se encontram nos migrantes).

---

<sup>29</sup> A Delegacia da Polícia Federal mais próxima do município de Lajeado está localizada na cidade de Santa Cruz do Sul.

Embora em outra cidade, na 'minha' cidade, o que deu uma conotação diferente, estávamos num lugar comum, considerando que mesmo em Lajeado a PF tem sido um lugar presente (Diário de Campo, 10 de agosto de 2018).

São assim, as pausas no movimento migrante que produzem trajetetos.



*Chovia muito naquele dia. Estava a cara do inverno, frio e chuva. Alternava entre pancadas generosas e leves pingos.*

*Badria nos encontrou em frente ao CRAS. Nos apresentamos e precisei pedir que ela repetisse seu nome, não conseguia entender.*

*Ela falava baixo, encabulado, para dentro.*

*(Já lhe contei que tenho dificuldades com os nomes, né?!)*

*Badria estava sem guarda-chuva, nos aguardava na aba de entrada do serviço. Ofereço uma carona. Estávamos indo a uma escola perto dali, cerca de quatro quadras a pé. Ela aceita, meio sem graça.*

*Era uma mulher jovem, penso que a idade era próxima a minha.*

*Enquanto caminhávamos algo me intriga (considerando que não é a primeira vez que observo este movimento). Tento seguir mediando os passos para acompanhar Simon, ela, media para que continuemos caminhando atrás. Insisto, ela também.*

*Sinto um incômodo no corpo. Diminui. Parei. Pensei meu lugar naquele espaço. São de outras espacialidades.*

*Badria também falava pouco. Eu, por vezes, falo demais!*

*Insisti na conversa e Simon insistiu com ela: Você sabe português, fale! Você precisa treinar!*

*Chegamos a porta da escola, era próximo do horário do meio dia, muitos pais aguardavam para buscarem seus filhos. Encontramos dois migrantes, um haitiano e outro senegalês. Estavam de conversa em frente ao portão.*

*De longe os quatro já sorriem e brincam.*

*Eles sempre se conhecem, é incrível!*

*Acho que são as estrangeiridades que os unem.*

Nesses trajetos, a marca dada pelo trabalho desenha-se também como possibilidade de acesso à moradia. Mas não basta ter o trabalho é preciso comprovar ser um bom pagador, ter fiador, garantias.

*Simon conhecia os funcionários/dono da imobiliária. Existe uma parceria com imobiliárias, para facilitar o aluguel” (Diário de Campo, 28 de Setembro de 2018).*

*No início não conseguiam alugar, mas foram demonstrando serem bons pagadores, segundo Simon (Diário de Campo, 02 de fevereiro de 2018).*

É preciso, o tempo todo, reposicionar-se: do lugar da desconfiança, para o lugar da dúvida, conforme Simon destaca ao falar do processo no município: “foram vendo que não éramos um perigo” (Diário de Campo, 05 de outubro de 2018).

Ao apontar esta noção de perigo, outros aspectos entram na discussão. Perigo a uma suposta homogeneidade cidadina. Uma compreensão unificada dos sujeitos que pertencem ao município e compartilham de sua cultura. O mito da unanimidade. Ao mencionar a noção de perigo acionam-se ainda as concepções de “roubo das vagas de trabalho, embora só façam o que os brasileiros não querem

*mais fazer” (Diário de Campo, 02 de fevereiro de 2018), elevando e superdimensionando a presença dos migrantes, colocando na diversidade a noção de perigo e/ou problema para a cidade de instalação, tomando o fenômeno da migração como algo anômalo e recente (Enrique SANTAMARÍA, 2011).*

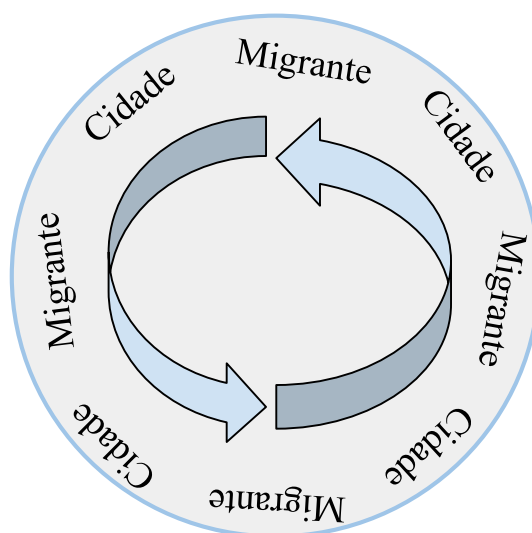
No processo de chegada, as redes de acolhida se multiplicam entre os migrantes. Avisam-se, levam demandas para Simon, emprestam as casas para moradia temporária. As burocracias são muitas e as estratégias entre os iguais se reinventam:

*Quando conseguimos trabalhos, os que já estão aqui acompanham os novos. Também não deixamos nenhum conterrâneo passar fome (Diário de Campo, 02 de fevereiro de 2018).*

Além destes movimentos, a organização de uma associação (Associação de Haitianos, Imigrantes e Descendentes no Brasil - ASSHIDEB) também se constitui como espaço de resistências e possibilidades, embora os entraves para a sua regularização sejam constantes. Na mesma perspectiva, está o espaço produzido pela Igreja, de forma especial, entre migrantes haitianos, como uma maneira de manter as relações comunitárias e a cultura. Mais um lugar de pausa.

Suas atividades de trabalho, comunidade e acesso às políticas públicas, de algum modo, definem os percursos. Os percursos, de algum modo, redefinem a cidade. Caminhar por Lajeado hoje é encontrar-se com a Torre de Babel, é cruzar com as estrangeiridades: elas ecoam na língua ‘estranha’ e ‘inacessível’ aos autóctones; a pele negra como marca de diferenciação e preconceitos; a Igreja instalada no bairro Moinhos e os cultos aos sábados e domingos. A migração também reconfigura a cidade.

Desse modo, o processo migrantes e cidade se dá numa relação contínua:



Não há uma predominância, mas a produção de alternâncias e sobreposições entre a cidade e o migrante. Cidade como urbanidades que definem. Migrantes como rompimentos, torções, na medida em que carregam no corpo outras espacialidades.

Espacialidades constituídas pelas histórias que atravessam seus corpos-país. O primeiro país latino-americano a declarar independência. Espacialidades resistentes, moventes, diaspóricas. Tensões políticas, marcas de ditaduras. Fome, desemprego, precariedade na saúde e educação. Terremoto e mais de 200 mil mortes. *“A diáspora é um fator econômico” (Diário de Campo, 05 de outubro de 2019)*, constituindo-se como possibilidade de produzir outras condições de vida.

Um país atravessado por disputas e jogos de interesse. *“Não vimos o dinheiro que foi doado para a reconstrução do país” (Diário de Campo, 05 de outubro de 2019)*. Espacialidade carregada de religiosidade, música, culinária, comunidade: *“A comunidade haitiana se auto organiza, se ajuda. Se alguém precisar de comida, levamos” (Diário de Campo, 02 de fevereiro de 2018)*.

Ainda há as espacialidades produzidas pelo país que os recebe, pressupondo lugares. O Brasil carrega a marca do racismo, do preconceito e o enaltecimento de uma migração desejada: branca e européia. Migrantes negros carregam também estas marcas no corpo: os pretos, os mulatos ou os quase pretos, tratados como pretos, os pobres e pretos, como nos aludem Gilberto e Caetano (1993)<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> Referência a música intitulada Haiti, composta por Gilberto Gil e Caetano Veloso. Está no repertório do disco Tropicália 2. Caso se sinta convidado(a), vale ouvir. Composta em 1993 ela continua se (re)atualizando em nosso contexto político e social. Música disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44730/>

Reinventamos os espaços, nos sensibilizamos quando o Haiti não é aqui, rezamos por ele. Mas, e quando o Haiti é aqui?<sup>31</sup>

*Por duas vezes as pessoas se dirigiram a mim primeiro, no atendimento. Mesmo estando sentada bem atrás. Reporto a ele [Simon]. Eu, uma estranha no serviço. Eu, branca? (Diário de Campo, 28 de junho de 2019).*

*Chegamos a Slan, os dois entram um pouco a frente e sigo logo atrás. Entramos e tinha uma funcionária no local que os atende e pergunta o que quero. Digo que estou com os dois. Neste momento, ela para de se direcionar para eles e passa todas as informações para mim. Não respondo, olho para os dois e digo que pode continuar passando para eles. (Diário de Campo, 04 de agosto de 2018).*

Assim, retomando minha afirmação audaciosa: o corpo como possibilidade de produção desta localização anormal, da produção do espaço heterotópico. O corpo migrante incide sobre a cidade, sobre as marcas e definições estabelecidas. Nesse aspecto, compreendo este corpo como marca e afronta da diferença, como uma espacialidade carregada de uma sobreposição de lugares.

Desse modo, considerar as espacialidades e os lugares, foi reconhecer, conforme Doreen Massey (2012), o espaço como o produto de inter-relações, como uma esfera de coexistência da heterogeneidade, sinalizando para o quanto “multiplicidade e espaço são co-constitutivos” (Doreen MASSEY, 2012, p. 29). Assim, pensar nessa perspectiva foi tomar o próprio corpo como espaço, formado por diferentes espacialidades (Camilo DARSIE, 2014), “um corpo povoado de multiplicidades” (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2011, p. 57), para tanto foi considerar o migrante como uma partícula deste. Uma co-constituição de lugares. Haiti, Senegal... Brasil, Lajeado.

---

<sup>31</sup>“Ninguém  
Ninguém é cidadão  
Se você for ver a festa do Pelô  
E se você não for  
Pense no Haiti  
Reze pelo Haiti  
O Haiti é aqui  
O Haiti não é aqui” (GIL, VELOSO, 1993)

Com isso aponto para este corpo como o oposto da utopia, como corpo que “jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito faço [faz-se] corpo” (Michel FOUCAULT, 2013, p. 7). Corpo como espacialidade, que transborda lugares, “no interior mesmo do espaço que lhe é reservado” (ibidem, p.14). Este corpo como ponto zero, “lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo [...]” (ibidem, p. 14).

Buscar a filha na escola pode ser um espaço de encontro da rua e de outros lugares:

*Um senegalês aguarda a filha sair da escola.  
Simon para numa rápida conversa.  
Quando a menina sai o pai fala com ela em inglês.  
Simon fala algo em tom de brincadeira e os dois riem.  
Se despedem e seguimos.  
Me diz que o homem por quem passamos mantém além do francês, o inglês com as filhas. Contou ainda que a filha mais velha deste conseguiu uma bolsa de estudos numa das melhores escolas particulares de Lajeado.  
“Quando isso acontece, ficamos muito felizes!”  
(Diário de Campo, 04 de agosto de 2018).*

É no espaço da cidade que os lugares outros se sobrepõem: Senegal, Haiti, Brasil. Diferentes espacialidades produzidas e reinventadas no espaço da rua e corporificadas pelo migrante sob diferentes marcas geográficas e políticas. “Existem corpos que não descrevem, mas inscrevem nos seus movimentos a transcendência na imanência de cada gesto. Estes corpos rasgam os lugares, tornam o *não lugar* uma *heterotopia*” (Eugénia VILELA, 2000, p. 43).

Desse modo, o corpo constitui-se enquanto território, interpelado por diferentes pontos: estilístico, histórico, funcional, afetivo (Félix GUATTARI, 2012), e como tal produz desterritorializações, reterritorializações. Produz modos de entrada e saída, escapes. Nesse aspecto, o corpo migrante produz linhas de fuga, irrompe e rasura os estratos (cf. Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2011) da cidade, instaurando novas conexões.

Sair de seus países carregados de diferentes lugares existenciais, tendo de antemão a certeza de que irão sofrer, como destaca Simon ao mencionar a diáspora



haitiana: *“sabemos que vamos sofrer. Precisamos estar preparados para sofrer”* (*Diário de Campo, 28 de junho de 2018*). “O corpo cicatrizado como acontecimento é mais do que promessa de ser. É memória — deslocamento simbólico e acontecimento. O corpo é uma ferida exposta sob a geografia concreta do real” (Eugénia VILELA, 2000, p. 44).

Assim, tomo a condição migrante na relação com a cidade que os recebe e aquelas pelas quais transitam para além da vulnerabilidade posta, mas a possibilidade de produção de espaços outros. O corpo migrante que circula e se agencia a cidade, no momento mesmo em que a produz. Agencia-se como um “conjunto de singularidades e de traços extraídos do fluxo” (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012, p. 94). Agencia-se na intersecção das linhas dos movimentos e dos afetos, mostrando a que seu corpo é capaz (Tomaz TADEU, 2002).

Desse modo, considero as memórias da cidade que se inscrevem nesse corpo que é praticado e vivido em diferentes escalas de temporalidade, possibilitando a relação entre corpo e cidade (Ângelica BANDEIRA, Érika KNEIB, 2016).

*Simon se modifica e se recoloca nos diferentes espaços:  
saúde, educação, nas relações (Diário de Campo, 13 de julho  
de 2018).*

É o movimento pelos diferentes lugares que lhe ensinou diferentes posições. Lugares, nessa perspectiva, como experiência - e singularidades que se atravessam - Doreen Massey (2000) aponta para o quanto fatores como gênero e raça geram diferentes condições de mobilidade. Ainda, destaca que a mobilidade não implica necessariamente um deslocamento: diferentes formas de circulação, informação, cultura, economia, mercadorias, entre outros. Assim, lugar não na dimensão da unidade, mas de associações heterogêneas, “onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações, conjunturas de trajetórias que têm suas próprias temporalidades. [...] Mas onde a sucessão de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história” (Doreen MASSEY, 2012, p. 201).

Assim, Simon intercala modos de estar migrante a partir das alternâncias produzidas pela sua circulação na cidade de Lajeado, bem como pelas políticas públicas de saúde, educação e assistência social. Nesse sentido, as alternâncias de ambientes não são para o corpo “meramente um espaço físico disponível para ser

ocupado, mas um campo de processos que, instaurado pela própria ação interativa dos seus integrantes, produz configurações de corporalidade e ambiência” (Fabiana BRITTO, 2010, p. 14).

Considerando as relações de corporalidade e ambiência, Simon e uma moça na busca pela matrícula escolar:

*Simon: ela veio da República Dominicana, falava espanhol.*

*Tem facilidade. Ela já terminou o ensino médio lá.*

*Já validou aqui? perguntou o homem.*

*Simon diz: ela fez a prova de nivelamento.*

*Está no ensino médio.*

*O homem: Aqui é Brasil. Aqui no Brasil é assim!.*

*Simon e a moça não respondem. Se mantém.*

*[...]*

*Saímos com a matrícula encaminhada.*

*(Diário de Campo, 13 de julho de 2018).*

Na insistência da presença que os espaços se produziram. Na experiência do trânsito que Simon se mantém, usando da busca por conhecimento sobre as políticas públicas as garantias de acesso.

É seu corpo migrante que reconfigura o serviço de atendimento dispensado no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Serviço marcado pelas definições e diretrizes de uma política pública destinada para aqueles que dela precisarem, atentando as condicionalidades estabelecidas, constituindo-se num espaço marcado, delimitado, recortado.

Lugar de pausa e determinações. O CRAS, nessa perspectiva, vai se constituindo como dupla captura: acesso e regulação. Acesso aos benefícios da assistência: Simon foi produzindo resistências e rasuras junto ao serviço e, tensionando, constantemente, garantindo os mesmos. A regulação ocorre mediante as condicionalidades da política que, de algum modo, sinaliza também os lugares destinados aos migrantes: atividades de trabalho mais precárias, faltam condições de moradia, acesso a bens de consumo, dificuldades de acesso aos serviços de saúde.

É Simon quem, na condição de migrante trabalhador do município, produz um *contraespaço* (cf. Michel FOUCAULT, 2013), uma heterotopia. Um *contraespaço*

pois “se constitui em um tempo, um outro lugar de contestação [...], se produz pelo movimento de um corpo com espessuras, contornos, dilatações, inflexões, uma experiência-corporal” (Anita BERNARDES, Jeferson TABORDA, p. 117, 2016). Movimento de subversão, (re)disposição e sobreposição dos lugares. CRAS – CRAS/MIGRANTE. Espaço localizável, mas absolutamente diferente.

*[Vocês] possuem uma ideia de números quanto a migrantes na cidade, quantos são atendidos pelo serviço?  
“Não temos, isso é mais com o Simon”.  
[...]*

*Vem acompanhado de outro haitiano. Algumas palavras em creole e a brincadeira da recepcionista: “estou entendendo tudo!” (Diário de Campo, 13 de julho de 2018).*

Simon e seu conterrâneo contestam o espaço estabelecido ao serviço, produzindo outras possibilidades, mas também afastamentos. Michel Foucault (2013) sinaliza para as heterotopias que se constituem em simples abertura, como “um livro aberto, que tem, contudo, a propriedade de nos manter de fora” (Michel FOUCAULT, 2013, p. 27). Somente Simon sabe sobre seus pares, mesmo quando o processo de acolhida de migrantes ocorra dentro do CRAS.

Assim, esse corpo migrante constitui-se em passagem. A sala do CRAS onde Simon realiza seus atendimentos desenha-se como uma heterotopia exterior, tal qual as casas do século XVIII, que possuíam um aposento anexo, que permitia aos viajantes abrigo, mas jamais a entrada na residência familiar (Michel FOUCAULT 2013). Os migrantes adentram ao CRAS, mas não conhecem a casa. Rompem com o serviço, tensionam as práticas instituídas, mas são atribuições somente do Simon.

Desse modo, são os corpos migrantes que reconfiguram o espaço do CRAS, ressignificando o mesmo em seus usos cotidianos (Carmen Lúcia, PÉREZ, 2007). Novamente é na insistência dos corpos migrantes que se busca pela garantia de acesso. Produz novos espaços, espaços outros, sobrepostos, tensionados, rachados, mas ainda assim localizado no aposento externo.

Mesmo enquanto heterotopia de passagem, faz presença e torna-se espaço de invenção.

*O casal era haitiano. Ele, jornalista de formação. Estavam com dificuldades para o acesso ao mercado de trabalho. Comenta que gostaria de montar uma rádio comunitária, uma rádio para os migrantes (Diário de Campo, 28 de setembro de 2019).*

Assim, a sala do Simon tornou-se também um espaço de invenção, é aposento de planejamento e novos arranjos, constituindo-se como uma concretude onde todas as representações se encontram presentes - Haiti, Senegal, Brasil; Migrante, Estrangeiro - provocando contestações e inversões de regras devido aos seus conflitos (Rodrigo VALVERDE, 2009) e possibilidades.

*Nos direcionamos até a recepção.  
Tem mais um rapaz e uma moça esperando, ambos haitianos.  
Ele nos olha e diz: vamos voltar um pouco, vou só resolver  
isso.*

*Voltamos a sala. Estava com documentos para realizar o  
encaminhamento, junto a polícia federal, para solicitação de  
vistos permanentes para esposa e filha do haitiano.*

*Gi pergunta: Eles são de Estrela?  
Simon: Em Estrela não tem ninguém. Pela política não poderia,  
mas não vou deixar de ajudar. Minha coordenadora permite, e  
eu faço. (Diário de Campo, 13 de julho de 2018)*

O CRAS permite a passagem, os migrantes reinventam os caminhos e entradas. Assim, na medida em que compreendo a produção de espaços heterotópicos a partir do corpo migrante, marco uma dinamicidade e não possibilidade de determinações fixas e homogeneizadoras. Pelo contrário, tal espaço é marcado pela superposição de espacialidades e de dinâmicas competitivas que intercorrem no tempo (Rodrigo VALVERDE, 2009).

Considerando tais aspectos, é possível pensar nas experiências de trabalho que circundam a relação dos migrantes com a cidade como disparadoras de novas formas de circulação. Um campo de forças e tensionamentos constantes. Os corpos migrantes no constante movimento de afirmação, de presença, no esforço para a garantia de direitos: são os migrantes, que no processo de resistência, produzem acolhida aos que chegam.

*Kiana, de sorriso largo e olhos tristes.*

*Chovia, de novo. Tem sido assim nos últimos dias. Assim como a chuva o frio tem nos acompanhado, estamos em meados de junho e o sol pouco deu as caras.*

*Acordei por volta das cinco da manhã, tendo como destino uma boa conversa agendada com a Kiana para às oito horas, no bairro Hidráulica.*

*Chego na rodoviária e trato logo de pedir um Uber.*

*Conheci Kiana numa das minhas andanças. Ela trabalha como varredora numa das principais vias da cidade. Conheci ela no espaço da rua. Apresentou-se tímida e com um português um pouco mais confuso. Tímida e gentil. Sorriso largo mas olhos tristes. Esse foi meu primeiro registro de Kiana. Cruzei mais umas duas vezes por ela até achar que poderia lhe fazer um pedido: Contar-me um pouco da sua história. Disse a ela que tenho ficado curiosa com todas essas movimentações de pessoas de tantos lugares diferentes e gostaria muito de poder escrever um pouco sobre isso. Ela aceitou, meio sem graça, meu pedido. Solicitou somente que fosse quando estivesse de férias. Esse encontro foi a quinze dias atrás.*

*Desço do uber e dou de cara com um portão grande e uma árvore vistosa, dessas que cobre a casa. O pátio era mais alto que a rua. Para chegar, não tinha campainha. O portão estava aberto, mas achei melhor chamar. Bato palmas umas duas vezes e chamo pelo seu nome. Ela sai na porta da frente, cabelo todo preso e um boné contendo os fios mais teimosos, manga curta! Manga curta??! Estava frio.*

*Seu rosto era de quem já estava acordada tanto ou mais tempo do que eu, na ativa da vida de casa. Nos fundos da garagem, anexa a casa, uma pilha enorme de roupas e o barulho familiar da máquina de lavar, a todo vapor. O varal de fio de nylon que cortava a garagem de ponta a ponta já estava ganhando cores de criança.*

*Grita da porta permitindo a minha entrada e me alertando para o chão escorregadio. Nessa hora a garoa ainda insistia, mas o sol já fazia movimentos de espreita.*

*Subo o pequeno degrau da área da frente onde Kiana me aguarda, prostrada na porta.*

*Sorriso largo e olhos tristes. Diz que estava a minha espera e pede para que me sente no sofá. Mal havia me sentado quando os pedidos de desculpa pela suposta desordem começaram: Meus dois pequenos são agitados, adoram riscar paredes e levar os brinquedos por todos os cantos da sala! Sorrio e digo que não se preocupe e acrescento que não quero tomar muito do seu tempo, pois já percebi que ela estava com muitas tarefas.*

*Ela sorri, larga e gentilmente e me diz: tudo bem!*

*Digo que será uma conversa, e que ela fique a vontade para me responder ou não o que quiser. Ela acena, sem jeito, com um sim.*

*Confesso não ter pensado num grande roteiro, nem tomei precauções quanto a gravação e anotação no ato da conversa. Kiana me chamou a atenção, desde o primeiro contato, sorriso largo e olhos tristes. Queria ouvir dos seus acontecimentos. Fico solta, mas cuidadosa para a nossa conversa.*

*Iniciamos. Peço a Kiana para me contar um pouco de si e de sua vida.*

*Ah, a vida! A vida é muito corrida. Trabalho, trabalho, trabalho. Casa, crianças, igreja, marido. E, ainda, minha mãe. Veio para morar comigo, está doente. Tem aquela doença sabe, não sei como chama em português... aquela, do açúcar?! Diabetes?! Isso, isso mesmo...*

*Eu saio todos os dias às seis da manhã. Meu marido é quem leva as crianças para a escola. Somos entre quatro: Eu, meu marido, Sara de 08 anos e David de 03! Opa! quase me esqueço! Minha mãe.*

*O David já nasceu no Brasil. Ele é o único brasileiro da casa. Não faz ideia de como é no Haiti!*

*Não conheceu a nossa casa. Ainda é nossa. Pelo menos o que sobrou dela. Ela não era grande não, mas era de uma cor de encher a rua. Cor de laranja no telhado, na porta e na janela. Ah! A janela, enorme, comprida, quase do tamanho da casa!! Eu sempre gostei daquela janela. A casa ainda tinha uma pequena área na frente, cercada com madeira. A cerca cor de laranja combinava com o telhado e a janela, o fundo da casa era branco. Sara nem lembra da casa, saímos de lá quando ela era muito pequena. Mas gostamos de mostrar as fotos, para que saibam de onde vieram, como vivíamos. Estamos no Brasil a quatro anos.*

*David não estava programado. Eu vinha tomando a injeção, todo mês, como a enfermeira do posto me mandou. Não sei o que aconteceu. O pessoal do posto até nos ajudou com as fraldas, até ele fechar um ano. Eu estava desempregada na época, foi difícil.*

*Quando cheguei aqui, pra encontrar meu marido, ele veio antes né, ele já faz seis anos, eu comecei a trabalhar no frigorífico. O trabalho lá era difícil, muito frio, não consegui. Fiquei só três meses. Bem ruim. Depois que sai engravidei. Foi um susto! Mas hoje ele está aí, bonito, feliz... E você, tem filhos?*

*Me interpela com a pergunta, estava atenta a sua fala (seu português não é tão claro e meu francês nem conta!), que demorei para entender! Eu? pergunto sorrindo e ela ri!*

*Não, ainda não tenho filhos. Quem sabe, um dia, respondo!*

*É muito bom, mas dá trabalho. Viu quanta roupa? As crianças gastam muita roupa e aqui é muito frio! Mas o que queria saber mesmo?*

*Sorrindo, lhe digo que ela está me respondendo, que pode seguir de onde parou...*

*Tá bom! Depois que o David nasceu conseguimos colocar ele na SLAM, sabe? Aí fui atrás de trabalho. Consegui esse, de varrer a calçada. Essas são minhas primeiras férias, fiz um ano lá. Não é fácil, todo dia, na rua. É pesado também, mas é melhor que no frigorífico. Eu sou a mais velha de lá, eu e mais uma haitiana. As brasileiras nunca passam de dois meses, não querem fazer esse trabalho.*

*Repentinamente, um choro de criança. Kiana me olha e pede licença, dizendo que David havia ficado em casa com ela naquele dia. Levanta-se com um já volto...*

## Referências

BANDEIRA, Ângelica Carvalho; KNEIB, Érika Cristine. **Entre o sujeito e a cidade: reflexões sobre a experiência do corpo em movimento.** In: Urbana: Rev. Eletrônica, v.8, n.1 [12]. Campinas SP, 2016, p.46-59. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642599> Acesso em: 25 nov 2018.

BERNARDES, Anita; TABORDA, Jeferson. **EscritaCOM: Heterotopias.** In: Revista **Polis e Psique** 6 (1), 2016, p. 113-123. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/61386> Acesso em: 04 jan 2019.

BRITTO, Fabiana Dultra. **Co-implicações entre corpo e cidade: da sala de aula À plataforma de ações.** In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra (orgs). **Corpocidade: debates, ações e articulações.** Salvador: EDUFBA, 2010

DARSIE, Camilo. **Educação, Geografia e Saúde: Geobiopolíticas nos discursos da Organização Mundial da Saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol.1.** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5.** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Outros Espaços.** In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Ditos e Escritos III. Org. Manoela Barros da Motta; Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: N-1 edições, 2013.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: Editora 34, 2ª ed, 2012.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar.** In: ARANTES, Antonio (org). **O espaço da diferença.** São Paulo: Papius, 2000.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

PÉREZ, Carmen Lúcia. **A lógica e o sentido da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos.** In: **Revista do departamento de psicologia - UFF**, v. 19, n. 1, jan/jun, 2007, p. 127-144. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000100010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000100010&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 22 set 2018.



REIS, Carolina dos, et al. Direito à cidade e produção de modos comuns de habitar. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira, et al. **Psicologia social, direitos humanos e história**: transversalizando acontecimentos do presente. Curitiba: Editora CRV, 2015.

ROMERO, Manuela Linck de; ZAMORA, Maria Helena. Pesquisando cidade e subjetividade: corpos e errâncias de um flâneur-cartógrafo. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 451-461, jul./set. 2016.

SANTAMARÍA, Enrique. Lugares comuns e estranhamento social: a problematização sociológica das mobilidades migratórias. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. In: **Educação e Realidade**. Jul/dez 2002. p. 47 - 57. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25915> Acesso em 17 jan 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Sobre espaço público e heterotopia. In: **Geosul**, v.24, n.48, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2009v24n48p7> Acesso em: 14 mai 2017.

VILELA, Eugénia. Corpos Inabitáveis. Errância, Filosofia e Memória. In: **Enraonar** 31, 2000, p. 35-52. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/enraonar/article/viewFile/v31-vilela/407-pdf> Acesso em: 28 dez 2018.

## 5 DO INESPERADO E IMPREVISÍVEL: UMA CARTOGRAFIA DOS ENCONTROS



Do inesperado e imprevisível:  
Uma cartografia dos encontros

## DO INESPERADO E IMPREVISÍVEL: UMA CARTOGRAFIA DOS ENCONTROS

*A questão “o que você está se tornando?” é particularmente estúpida. Pois à medida em que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio*  
(Gilles DELEUZE, Claire PARNET, 1998, p. 10).

Há dois aspectos que necessariamente preciso tomar com mais atenção neste momento. O primeiro é a noção de encontro, que nesse percurso está para além do ato de encontrar alguém ou alguma coisa, mas está no domínio dos afetos, do que move, desacomoda, desterritorializa.

Encontro como movimento permanente de corpos. Encontros de pessoas, ideias, acontecimentos (Gilles DELEUZE, Claire PARNET, 1998). Encontros nas “relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão” (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012a, p. 58). Assim, *encontro*, nesse pesquisar, é da ordem da *experiência*.

Experiência não como método. Esqueça a imagem de laboratório e tubos de ensaio que, provavelmente, passaram por sua cabeça. Pense nas sensações, no corpo, no desassossego. É desta experiência que se trata aqui. Da experiência como aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Jorge LAROSSA, 2002, p. 21).

Experiência e cartografia se encontram! Experiência no movimento ralentado do encontro com os migrantes. Esse migrante que incide outros movimentos sobre a cidade, uma lentidão em velocidade. Velocidades e percursos migrantes - *trabalho-educação; trabalho-saúde; trabalho-educação-saúde-cidade*. Movimentos e velocidades migrantes. O movimento que pode ser “muito rápido, nem por isso é velocidade; a velocidade pode ser muito lenta, ou mesmo imóvel, ela é, contudo, velocidade. O movimento é extensivo, a velocidade, intensiva” (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012b, p. 55).

A experiência que exigiu outros modos de aproximação e permanência para o acompanhar dos movimentos e velocidades migrantes. Uma abertura ao inesperado e o imprevisível, experiências que ocorreram num

gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar,

pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Jorge LAROSSA, 2002, p. 24).

Na aproximação cartografia e experiência: “tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra *experiência* contém inseparavelmente a dimensão de *travessia* e *perigo*” (Jorge LAROSSA, 2002, p. 25, grifos meus). A travessia do campo e da produção de dados; o perigo como associação, inter-relação com o inesperado.

Aqui, então, o segundo ponto: a necessária condição do inesperado e imprevisível de cartografar. *Andanças* nos movimentos dos corpos. Não foi (e não é) possível controlar, nem determinar nada desse perigoso pesquisar. O corpo, na experiência que sente, para, retoma, desassossega. Afeta-se. Nos deslizos dos corpos e velocidades migrantes. Nos deslizos entre os espaços e seus lugares de pausa. Nos deslizos brasileira e devir-estrangeira.

Uma experiência de quem percorreu a cidade nas estrias, marcações e lisuras. Caminhar implicou deslizar e barrar. Correr e lentificar. No deslize do espaço liso e nas fixações do espaço estriado, o migrante brinca de inventar outra cidade. Para Deleuze e Guattari (2012b), o espaço estriado é “o espaço dos pilares” (p. 39), dos sulcos e determinações. Ele é métrico (cf. Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012b), buscando a reterritorialização e a fixidez. Ao contrário do espaço liso, que é fluxo e desterritorialização. Este, é “justamente o do menor desvio [...]. É um espaço de contato, de pequenas ações de contato [...]. O espaço liso é um campo sem condutos nem canais” (ibidem, p. 40).

Uma necessária abertura ao campo. Na suspensão e na insistência de sentir, parar e escutar mais devagar, alguns aspectos tornaram-se no percurso. Desse modo, trata-se do vivido da experiência, das velocidades pelos espaços lisos e estriados do migrante. As estrangeiridades.

Assim, o que ganha espaço nesta seção é o corpo da pesquisadora e suas relações. Este corpo que só existe a partir do tensionamento com outros corpos: corpos migrantes; corpos cidadãos. Corpos que se encontraram nos percursos da cidade; corpos e suas relações com os diferentes idiomas que circularam pelos espaços dos encontros. A língua como lugar de pausa e produção de uma

sobreposição de lugares. A língua como operadora de sulcos e linhas de fuga, trânsito entre liso e estriado.

A língua também como marca das estrangeiridades, tensionando as definições postas pela cidade que os recebe. Fazer a língua circular, em especial aos haitianos que rangem com o *creole*, afrontando, ao manter um dialeto menor como língua oficial.

Assim, trato de pensar os movimentos que fazem a língua ‘babelizar’ (cf. Jorge LARROSA, Carlos, SKLIAR, 2011) dando-lhe o tom da multiplicidade. Essa língua que ganha espaço na produção de dados em seu ranger cotidiano, tal qual o mito babélico: sem unanimidades que garantam homogeneizações entre os homens. Uma condição humana que “deriva do fato de que o que há são muitos homens, muitas histórias, muitos modos de racionalidade, muitas línguas e, seguramente, muitos mundos e muitas realidades” (Jorge LARROSA, Carlos, SKLIAR, 2011, p. 17).

Ao retomar o mito babélico para pensar a língua como estrangeiridade nas relações produzidas nos processos migratórios acompanhados, é, de algum modo, provocar a pretensa idealização de unidade linguística. A língua, nesse sentido, corrobora com a marcação de fronteiras, estabelecendo um suposto pertencimento único, ao mesmo tempo em que as tensiona.

A língua embora unifique, marcando fronteiras estatais, identidades políticas e culturais (Jorge LARROSA, Carlos, SKLIAR, 2011) também rasura, nos fluxos cotidianos: os dialetos, os sotaques, as gírias e códigos. “A língua, qualquer língua, se apresenta em estado de confusão, em estado de dispersão. [...] Babel não se dá só como diferença entre as línguas, mas Babel atravessa a língua, qualquer língua” (ibidem, p. 20).

Nessa perspectiva, a língua opera como uma partícula das espacialidades que compõem esses corpos migrantes e entram nas classificações das espacialidades mais ou menos desejadas. A língua marca o corpo e as estrangeiridades que afrontam supostas unificações culturais, apontando para o quanto não é possível “trancar as portas que há muito tempo perderam as dobradiças” (Zygmunt BAUMAN, 2017, p. 65).

A língua opera zonas de pertencimento, marca estratégias de in/exclusão. Ao retomarmos nosso histórico de colonização, é fácil identificar na língua esse operador, considerando a catequização dos indígenas e, conseqüentemente, o

ensino do idioma desejado. Posteriormente, em especial na era Vargas e o movimento nacionalista, isso pode ser percebido pela proibição do uso e ensino de outros idiomas em território brasileiro.

Desse modo, a língua vai operando a dupla captura de incluir e excluir, em um jogo permanente de estabelecimento de um dentro e um fora difíceis (quase impossíveis) de serem determinados, considerando, com isso, a “inclusão como um processo inacabado, visto que a exclusão sempre está implicada na inclusão” (Betina HILLESHEIM, Anita BERNARDES, 2015, p. 131).

Na perspectiva dos corpos que carregam esta espacialidade, dos desejados e não desejados, considero o quanto

Uma língua está sempre presa a rostos que anunciam os enunciados dela, que os lastreiam em relação aos significantes em curso e aos sujeitos concernidos. É pelos rostos que as escolhas se guiam e que os elementos se organizam: a gramática comum nunca é separável de uma educação dos rostos (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012c, p. 52).

Nesse jogo, a língua ganha contornos de problema e resistência.

*O homem se volta ao Simon e diz:*

- *O empecilho é a língua. A língua é um problema. Ela precisa acompanhar... As outras matérias até vai... mas a língua é um problema!*  
*(Diário de Campo, 13 de julho de 2018).*

É preciso produzir formas de circular, nesse caso, pelo português. Aprender o idioma, aprender a aprender neste idioma. Não se trata, somente, de uma comunicação que dê conta das necessidades, é preciso a gramática. Marca sobre a língua que escapa. Regramento. Um jogo na tentativa de normalizar. Um jogo de forças, de inclusão e exclusão, onde a língua ocupa um lugar privilegiado. Nesse aspecto, “há aparatos educativos e culturais, também do Estado, que constroem constantemente línguas normalizadas e falantes igualmente normalizados” (Jorge LARROSA, Carlos, SKLIAR, 2011, p. 19).

Considerando tais aspectos, ao tomar a língua como este duplo movimento, deslizos lisos e estriados, aponto para a captura e linhas de fuga, tendo como perspectiva que “entrar, sair da máquina, estar na máquina, percorrê-la, aproximar-se dela, ainda faz parte da máquina [...]. A linha de fuga faz parte da máquina” (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2017, p. 17).

Nesse sentido, produzir rasuras faz parte do jogo de inclusão e exclusão perpetrado pelo movimento da língua nas velocidades migrantes. Esta língua, tomada de muitas línguas<sup>32</sup>, que reconfigura relações e o espaço da cidade. “[U]ma língua que é sempre *mais e outra coisa* que ela mesma porque não se pode fechar ou totalizar ou identificar” (Jorge LARROSA, Carlos, SKLIAR, 2011, p. 29, grifos dos autores).

Estabelecimento contínuo de novos lugares que operam na diversidade, numa articulação de relações globais, onde a identidade dos lugares se constitui a partir destas relações com o resto do mundo (cf. Doreen MASSEY 2012). A língua é uma das pontes de ligação entre os diferentes lugares com o resto do mundo.

Movimentos de desterritorialização.

*Vamos caminhando e os olhares nos acompanhando, olhares curiosos... Já na padaria, mais olhares, especialmente pela língua (Diário de Campo, 10 de agosto de 2018).*

Ao desterritorializar, a língua desliza. No deslize, minora e faz minorar. Não na condição de uma desqualificação, mas dos efeitos que produz. Gilles Deleuze e Félix Guattari tomam o conceito de *menor* ao pensar a literatura de Kafka, destacando:

Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Mas a primeira característica, de toda maneira, é que, nela, a língua é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2017, p. 35).

Nesse sentido, a Torre de Babel construída na cidade de Lajeado minora a predominância da língua. Produz novos e outros modos de circulação, sotaques múltiplos, desestabilizando as definições em torno daqueles mais aceitos, tal qual o dialeto alemão (comum e institucionalizado na cidade), por exemplo.

Ao desterritorializar, a língua também une.

*Uma haitiana estava internada em decorrência de um AVC e a família não compreendia as orientações para a alta hospitalar e as recomendações. Simon, agora falando em português, pede que mandem, ainda, por escrito as orientações, inclusive da dieta (Diário de Campo, 28 de junho de 2018).*

---

<sup>32</sup> Nesse aspecto cabe destacar de modo especial que o creole, uma das línguas oficiais da República do Haiti, advém de uma mistura de dialetos, tendo o francês como base.

Com isso não se trata somente de manter a língua de seus países como estratégia de pertencimento, mas insistir numa posição política, num “agenciamento coletivo de enunciação” (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2017, p. 39), fazendo esta língua vibrar em intensidade (cf. Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2017). No jogo português/francês/creole, outra língua opera: o devir-migrante.

No devir-migrante e seu jogo de diferentes idiomas, distintos coeficientes de territorialização e desterritorialização (cf. ibidem). O português que fixa e o creole que desliza na sua condição de estrangeiridade.

*Durante o período que estive lá, Simon recebeu muitas ligações. Em várias delas, intercalava as diferentes línguas, creole, francês, português... Não chegou a ‘traduzir’ diretamente nenhuma ligação, mas tratou de fazer com que eu entendesse do que se tratava (Diário de Campo, 28 de junho de 2018).*

*Simon intercala a conversa entre o português e o creole. Já percebi que quando quer que entendamos, traduz. Caso contrário... (Diário de Campo, 13 de julho de 2018).*

*Dia desses, rolando o feed do facebook, encontro-me com uma música, compartilhada por algum amigo de face. Seu refrão fez insistências.*

*Nem todo trajeto reto. Nem o mar é regular.  
estrada, caminho torto, me perco para encontrar  
abrindo talho na vida, até que eu possa passar....♪♪  
(cobra rasteira. Metá Metá)*

*Fiquei me perguntando porque insistiu tanto???  
Dou-me conta que talvez sejam as insistências migrantes que ecoaram no samba.  
E no samba que ecoou em mim.  
Os trajetos, os caminhos, o mar...  
Acho que foi isso!*



*Os trajetos, os caminhos, o mar...*

*Déme, Robert, Joseph...*

*Conforme a insistência do samba batia, as histórias insistiam.*

*Conheci Déme no CRAS.*

*Senegalês, magro, alto, com olhos que riem.*

*Chegou no CRAS uniformizado. Estava de azul, crachá da Stacione no peito.*

*Entrou enchendo a recepção, falava alto. Mas era um alto gentil!*

*Parecia confortável lá, conhecia a recepcionista. Trazia na mão uma pasta com documentos. Senta próximo de mim para aguardar pelo atendimento.*

*Acenei com um sorriso e um bom dia. Foi o suficiente para engatarmos uma conversa.*

*Contou-me com empolgação que estava encaminhando o visto de permanência no Brasil, que completou um ano no seu trabalho e que se adaptou bem a cidade.*

*Perguntou-me se eu era Lajeadense. Brinco com ele, dizendo-lhe que, muito provavelmente, ele conhecia mais a cidade do que eu!*

*Percebi que ele olhava recorrentemente ao relógio e acabei perguntando se estava com muita pressa. Ele, rindo com os olhos, me diz que sim. Que tinha pedido uns minutos no trabalho e que só precisava entregar os documentos.*

*Pergunto a secretária se não poderíamos fazê-lo por ele, deixando o telefone, para qualquer necessidade. Fizemos isso. Déme saiu agradecido, desejando-nos um bom final de semana.*

*Lembro-me bem, era uma sexta-feira.*

-

*Robert, conheci no hospital.*

*Eu o conheci, mas penso que ele nem se recorda de mim.*

*Foi num momento delicado. Lembro que era um dia muito ensolarado, um contraste com o rosto apreensivo de Robert. Estava parado em frente a entrada principal do pequeno hospital da cidade, olhando para vários papéis em sua mão.*

*Quando nos aproximamos, olhos de alívio.*

*Ele folheava as folhas de papel como se elas tivessem espinhos. Movimentos doídos e sem compreensão. Folheava como quem buscava saída num buraco escuro. Como já contei, meu francês de nada me adianta. Seu português também não lhe garantia muitas coisas.*

*Nos cumprimentamos com os olhos.*

*Mostra os papéis e pede ajuda. (Entendo não pelas palavras, mas pelos movimentos do corpo. Gesticula, acena, mostra para o hospital e para os papéis de espinhos).*

*Depois eu soube. A esposa estava internada e ele, com várias orientações para a sua alta. O estado de saúde dela exigia cuidados em casa. Eles não entenderam nada das orientações. Deram-lhe elas por escrito, mas elas não conversavam com ele e nem ele com elas. No encontro na porta do pequeno hospital um suspiro de tradução. Traduziu-se não só a língua, mas as estrangeiridades.*

-

*Joseph conheci através da sua companheira.*

*Foi num desses dias que ajudei no atendimento da recepção, lá no CRAS.*

*(é, acho que este tem sido um lugar privilegiado. Muitos lugares num lugar só).*

*Pensando bem, conheci Joseph através de Daiane, já que foi ela quem veio ao serviço.*

*Buscou o CRAS para receber orientações quanto ao visto de permanência do futuro marido. Explica que ele está no Brasil a pouco mais de um ano, mais ou menos o tempo que eles se conhecem.*

*Conheceram-se no frigorífico. Os dois trabalham lá.*

*Era um dia tranquilo no CRAS, poucos atendimentos. Eu tomava um chimarrão quando ela chegou, sorridente. Era uma mulher bonita e ‘conversadeira’, como brinco. (a propósito, também sou!).*

*Explico que não conheço tanto desses fluxos de documentação, mas que vamos nos ajudar. Faço contato com a Polícia Federal para saber todos os documentos necessários (sempre são muitos!). Demoraram para atender.*

*Entre uma tentativa e outra e umas cuias de chimarrão, Daiane sentiu-se convidada a contar a história deles. Como já disse, eles trabalham na mesma empresa.*

*Começou dizendo que são muitos os estrangeiros que trabalham lá.*

*Que foi, por acaso, que os dois se cruzaram. Ela riu, dizendo que o encarregado tinha pedido que ela repassasse as atividades com Joseph. Ela ficou desesperada, não sabia nada da língua deles. Na verdade, disse ela, não sabia nem que língua eles falavam. Brincou: Sorte minha e dele, que ele sabia um pouco de português. Ele é rápido em aprender idiomas!! Eu sou péssima!*

*Brinco com ela, dizendo que me identifico com essa dificuldade. Rimos!*

*Ela segue: Ficamos trabalhando no mesmo lado na esteira e aí fomos conversando se conhecendo. Sou um pouco mais velha que ele sabe, então demorou até ele tomar coragem! Pra ele foi bom, a gente se conhecer, ele veio sozinho, pensa! Veio pra mandar dinheiro pro pai e pra mãe. Ele sempre me fala que lá as coisas estão difíceis, que precisa ajudar e que*

*pensa em voltar. Já disse que ele precisa me ensinar o creole! Tenho que aprender a me virar!*

*Consigo a ligação na PF. A orientação mais clara e enfática é em relação a uma “declaração conjunta dos cônjuges, sob as penas da lei, a respeito da continuidade de efetiva união e convivência”. Ou seja, era necessário que eles endossassem de que o casamento não era pelo interesse de acesso ao visto.*

Assim, no coeficiente de desterritorialização, uma gagueira na própria língua, como nos provoca Deleuze: “Ser gago não na sua fala, e sim ser gago da sua própria linguagem. Ser como um estrangeiro em sua própria língua. Traçar uma linha de fuga” (Gilles DELEUZE, Claire PARNET, 1998, p. 12). É o exercício de minorar, ter uma língua menor, fazer um uso menor da própria língua (ibidem). Uma reinvenção da própria língua no caso dos migrantes, aqui (no Brasil) onde ela se torna estrangeira.

Simon gagueja na própria língua, fazendo dela tradução e ação. Mediar na língua produzindo resistências, tensionando os serviços, desestabilizando a ordem. A língua, desse modo, também opera como recurso de intervenção.

*No hospital da cidade: Já pergunta a mulher, sobre outra paciente. Que haviam ligado para ele. Ela estava internada há 19 dias e estavam com dificuldades de compreender as orientações (Diário de Campo, 13 de julho de 2018).*

Na gagueira, minora, escapando “às imagens homogêneas, operando desterritorializações e abrindo passagens para devires” (Betina HILLESHEIM, 2006, p. 27). Ao apontar a gagueira de Simon remeto-me aos migrantes, que encontram formas outras de operar com a sua própria língua, dando-lhe também um caráter de proteção. Uma brincadeira com o sigilo da língua que os une, considerando que são poucos os brasileiros que conseguem transitar pelo creole (incluindo a mim, a brasileira estrangeira). Nesse aspecto, a língua passa a ocupar um lugar além de língua primeira (materna), deixando de ser o que era para se opor ao homogêneo, rasurando, nesse caso, o português.

*Percebo que conforme a conversa ficava mais difícil, Simon e o rapaz usavam mais do creole para se comunicar. A atendente*

*ficava visivelmente incomodada (Diário de Campo, 28 de setembro de 2019).*

Um movimento de produção de um outro lugar, não mais o Haiti, mas também não mais o Brasil, trata-se de um outro, um *entre*. Entre Brasil-Haiti/Haiti-Brasil. Nessa perspectiva, o devir-migrante como movimento do *entre*, (*ou um jogo fora e entre*) e a língua como essa zona de inter-relação entre a cidade, o trabalho e os movimentos migratórios.

Ao tomar a língua na dimensão do encontro, considero a potência que esta operou no processo cartográfico, desenhando-se como questão *entre* na tríade proposta. Pensar nesta perspectiva é dar-me conta do que passou nos movimentos de pesquisar e nos movimentos migrantes. A língua garante encontros de pertencimento e rasura do instituído da cidade, tal qual o corpo migrante.

Ainda, atentar para a língua como questão na produção de dados desta pesquisa, foi, inevitavelmente, um jogo de relações corpo-pesquisadora/ corpo-migrante/ corpo-estrangeira(o). Assim, também a pesquisadora gaguejou em suas próprias línguas e se moveu em território conhecido nos desconhecidos da língua. Brincou de ser estrangeira. Babelizou. Dos (des)encontros inesperados e imprevisíveis de uma cartografia migrante.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 4. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 4. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 4. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Jan-Abr, Nº 19, 2002, p. 20-28. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf) Acesso em: 04 dez 2018.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HILLESHEIM, Betina; BERNARDES, Anita. Políticas de inclusão: a arte de governar a partir da liberdade. In: **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 20, n. 1. p. 129-137, jan/mar. 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Betina\\_Hillesheim/publication/283155281\\_Politic as\\_de\\_inclusao\\_a\\_arte\\_de\\_governar\\_a\\_partir\\_da\\_liberdade/links/575ad2ba08aec91374a61a94/Politic as-de-inclusao-a-arte-de-governar-a-partir-da-liberdade.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Betina_Hillesheim/publication/283155281_Politic as_de_inclusao_a_arte_de_governar_a_partir_da_liberdade/links/575ad2ba08aec91374a61a94/Politic as-de-inclusao-a-arte-de-governar-a-partir-da-liberdade.pdf). Acesso em: 06 ago 2018.

HILLESHEIM, Betina. **Entre a literatura e o infantil: uma infância**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4772> Acesso em 13 nov 2018.

## 6 DOS (DES)ENCONTROS: DANDO-LHES CONTORNOS DE ENCERRAMENTO

*Dos (des)encontros: Dando-lhes  
contornos de encerramento*

## DOS (DES)ENCONTROS: DANDO-LHES CONTORNOS DE ENCERRAMENTO

Dar pequenos nós nos encontros e desencontros deste pesquisar, é disso que se trata esta seção. Nós que tratam dos desafios que me propus (ou melhor, nos propusemos, já que escrevo sempre acompanhada, uma solidão povoada, como nos alerta Gilles Deleuze<sup>33</sup>). Os desafios de tomar os processos migratórios contemporâneos e as suas relações com a cidade e o trabalho como o principal campo de análise. Na tríade proposta, pensar o trabalho nestas relações constituiu-se enquanto um exercício de tomá-lo desde um outro lugar. Trabalho como um agenciamento dos encontros entre a cidade e o migrante. Um exercício de olhar os *entres* dessas composições.

Desse modo, responder a questão norteadora desta dissertação, a lembrar: *Como se dá a relação entre os migrantes, o trabalho e a cidade?*, foi produzir, constantemente outras perguntas, considerando a potência de movimento gerada a partir das aproximações com o campo e a produção de dados. Perguntas que foram desde o levantamento dos acessos ao mercado de trabalho até a busca das zonas da cidade com mais migrantes e seus trajetos junto aos serviços de assistência, saúde e educação.

Na produção das novas perguntas o movimento de permitir-me sair dos traçados, sem método possível, mas revezamentos, *intermezzi*, relances (Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, 2012). Assim, durante as *andanças* pela cidade, os movimentos migratórios deste pesquisar conformaram formas outras de produzir pesquisa e a própria pesquisadora. Tratou-se de um outro ordenamento na relação estabelecida com o campo de análise. Simon também foi pesquisador. Neste movimento, destitui-me continuamente, construindo-me na produção cartográfica. Para tanto tratou-se assim, também de pensar a pesquisa e nossas (pensando nos lugares acadêmicos tão caros a nós) formas de estabelecer relações éticas e comprometidas com aqueles que possibilitam aproximação e produção de conhecimento *COM*. Com isso, arrisco-me a afirmação, embora seja um tanto quanto avessa a elas, de que um dos *entres* produzidos a partir da tríade proposta foi, justamente, o processo de pesquisa enquanto uma posição ética e política.

---

<sup>33</sup> No livro *Diálogo*, 1998.

Para tal aspecto destaco a produção compartilhada de um espaço comum. Espaços de encontro dos pesquisadores (Eu, Simon, a cidade e outros migrantes). Operamos todos/as a partir deste lugar. Uma destituição e construção de outros lugares num plano comum. Afinal, tomar os processos migratórios contemporâneos como questão é necessariamente, implicar-se e desacomodar-se.

Ao tomar a construção desse plano comum considerei a comunicação entre as diferentes singularidades heterogêneas, possibilitando assim um plano pré-individual e coletivo (Virgínia KASTRUP, Eduardo PASSOS, 2013). Nesse plano há um apagamento das fronteiras e lugares pesquisador-pesquisado, pesquisador-campo, rompendo, continuamente, com a concepção de neutralidade, dando abertura a experiência do vivido da pesquisa.

Esta experiência como mote de um processo de acompanhar as velocidades migrantes. Para tal, esta experiência exigiu uma abertura e disponibilidade, regada de padecimento, de paciência e de atenção, na condição de uma necessária receptividade (Jorge LAROSSA, 2002). Velocidades migrantes pois são da ordem das intensidades. Velocidades migrantes que transfiguraram lugares, dando outros tons, cores, sons e movimentos. Quase uma re-edição de zonas marcadas por regulamentos. Nessa re-edição encontramos o espaço do CRAS e as concepções em torno das atividades que norteiam um serviço de assistência social, tendo ali a produção de um outro lugar a partir da circulação destes corpos migrantes. Um lugar heterotópico. Migrantes heterotópicos.

No desacomodar-se assumi a bronca de tomar o trabalho e a cidade numa relação que extrapolou os dados demográficos, o número de contratações, postos de trabalho e acesso a bens e serviços. Foi disso também, mas foi além. Além pois se construiu nas relações possíveis do *entre*. Foi no exercício de dar-me conta do quanto o espaço da cidade foi se desenhando também como campo de trabalho: as varredoras de calçadas, os fiscais de estacionamento rotativo, o próprio Simon e as construções destas redes de acolhimento cidadinas.

Além disso, nesse processo foi possível identificar zonas de maior precarização das atividades de trabalho, considerando que muitos dos migrantes destacaram que poucos são os colegas brasileiros nas funções que executam. Ainda, nessa mesma perspectiva, foi possível identificar a construção da imagem de um bom trabalhador que precisa, constantemente, ganhar e provar que merece a



confiança dos empresários (seja na condição de funcionário ou no acesso a bens e serviços).

Nesta esteira, cabe lembrar o quanto a própria cidade, mediante as necessidades de mão de obra convocou os movimentos migratórios, diante das buscas na região do Acre e Amazonas de trabalhadores oriundos especialmente do Haiti e do Senegal. Atualmente os movimentos de chegada ao município de Lajeado caracterizam-se em grande parte pela busca por reunião familiar.

Nessa perspectiva o trabalho se agencia a esta cidade como *ethos*, dando lhe outras características a partir da possibilidade de circulação dos migrantes. A *babelização* dos lugares da cidade, com a língua, mas também com a cultura. A Igreja que ganha lugar numa comunidade, cultuada em creole e português: “*temos um teólogo e ele fala bem o português, temos os cultos no sábado e no domingo*” (*Diário de Campo, 02 de fevereiro de 2018*).

Considerando esta concepção dada ao trabalho, também é possível inferir que o mesmo produziu uma zona de estranhamentos tensionando outros lugares possíveis nos *entres* da tríade. Assim, o olhar de estranhamento que foi dado para a questão do trabalho possibilitou a visibilidade para as relações produzidas pelos diferentes trabalhadores migrantes, tensionando a língua, as zonas de pertencimento, as rasuras do cotidiano citadino, bem como os entraves e preconceitos, que tangenciaram estas relações.

Com isso, foi através das *andanças* pela cidade de Lajeado em seus diferentes lugares de pausa, em especial nos serviços da rede (assistência, saúde e educação) que vivenciei junto ao Simon e outros migrantes os tensionamentos gerados pelo preconceito racial e linguístico. Estar nesse lugar foi sentir no corpo o incômodo destas tensões, ao mesmo tempo em que possibilitou acompanhar os movimentos de resistência: na fala, na posição do corpo, na constituição de uma associação de migrantes, no conhecimento das legislações e políticas públicas brasileiras.

*Agora são oito e meia da manhã. É sábado, 23 de agosto. O dia está lindo e ensolarado. Ainda bebo minha xícara de café, calma e sossegadamente.*

*(Exceto pelos insistentes pulos da Milú no sofá).*

*Mesmo assim, é de uma calma possível somente aos finais de semana.*

*Sento no sofá. Costuma entrar uns raios de sol gostosos na minha sala. Sento ali, para me sentir acordando. Sinto que estou ansiosa para retomar os registros do dia de ontem.*

*Embora já tenha feito muitos apontamentos na rodoviária. Nessas idas e vindas, já sei até a melhor sala de espera.*

*Abro o computador e busco minha conversa de whatsapp de ontem. Lembro um pouco, e talvez tenha dito alguma coisa interessante para a prof. Betina.*

*Primeira frase da conversa: Gente, hoje foi demais! Preciso contar como foi! Comi banana frita!!!*

*É, acho que isso define bem o dia de ontem: empolgação e afeto. Um desacomodar-se.*

*Retomo o registro do avesso:*

*22 de agosto de 2018 - Afet(o)ação*

*Na chegada ao CRAS um convite inesperado: almoça com a gente hoje? Aceito, sem graça (esse lugar de pesquisadora-brasileira está engraçado... vai até almoçar com a família - penso).*

*Às 12h saímos do trabalho em direção a sua casa. Saímos e encontramos uma jovem mulher haitiana. Ela já almoçou conosco uma outra vez, mas não consigo me lembrar do nome dela (era um nome difícil!). Nesse dia, não teríamos que retornar ao CRAS a tarde, o serviço estaria fechado. No caminho, me anunciam o cardápio: banana frita! E explicam: não é igual a que vocês comem não, é diferente, usamos essa banana aqui (mostrando uma foto de uma banana bem verde). Ri, apreensiva - nunca comi banana frita! -. Acho que perceberam e rindo me disseram que também fizeram lasanha - confesso, fiquei aliviada!*

*Minha maior preocupação, da saída do CRAS até a casa era de que eu não poderia fazer cara feia, mesmo que não gostasse (não sou muito boa em disfarces!). Ri nervosa e contente com o convite, a abertura do espaço da casa e da família, tão significativo. O espaço da culinária típica, da cultura...*

*Na chegada, as crianças nos receberam, entusiasmadas e meio curiosas. A maior, pendurou-se na minha perna. Fala um português mais difícil de ser entendido. O menor, que nasceu no Brasil, fala super bem, mesmo sendo pequeno. Acho que tem por volta dos 04 anos.*

*Fomos entrando, passamos pela sala e entramos num corredor em direção a cozinha. Ouvi conversas animadas e bem ao fundo uma mesa colorida, viva, posta para o almoço.*

Desse modo, a cidade evidencia uma experiência de territorialidade que produz modos de vida, bem como as experiências dos diferentes atores no espaço da cidade, transformando-a com o tempo (Willian GIROTTTO, Gislei LAZZAROTTO, 2015). E nessa relação de transformação a língua ganhou um lugar privilegiado, esse lugar que entra no jogo da in/exclusão, numa relação que obriga novos modos para a cidade, *babelizando* as definições pré estabelecidas, na medida em que range a língua oficial, produzindo novos sotaques, gírias, traquejos. Creole/francês/português e a produção de novos encontros. Encontros que ora incluem fortalecendo as estrangeiridades do corpo migrante e ora tangenciam a exclusão marcando no corpo o não pertencimento.

Uma produção de fronteira móvel, marcando as zonas de pertencimento e afastamentos nas velocidades migrantes. A partir destes movimentos, a produção de formas de resistência no espaço da cidade: são os migrantes que chegaram primeiro que vão organizando lugares de acolhida, encaminham os conterrâneos ao CRAS para regularizar a documentação, emprestam as casas como moradia temporária, levam os mesmos as imobiliárias parceiras, indicam para as vagas de emprego, fazem 'vaquinhas' para que ninguém passe fome.

A produção destes percursos infere sobre a organização da cidade. Os novos moradores se espalham, ocupando diferentes bairros: Santo André, Moinhos, Praia, Cohab, Hidráulica. Nos percursos as espacialidades que compõem os corpos que ocupam a cidade se misturam, reconfigurando-as, tendo o corpo migrante o caráter transgressor e desestabilizador da suposta ordem cidadina.

O diáspora, como é nomeado o haitiano que vive fora do seu país, não carrega somente as marcas do país caribenho, mas vai sobrepondo os diferentes lugares pelos quais passou. Nos processos de desterritorialização e reterritorialização, os filhos já são brasileiros e lajeadenses e também haitianos.

Desse modo não é possível trabalhar a migração sobre a guisa das fronteiras físicas e culturais fixas, imóveis. É quase impossível definir os países de pertencimento quando a vida acontece nesse trânsito frágil e resistente de estar migrante.

Para tanto, na intenção de tentar desatar os nós, sem tomá-los como acabados, destaco que a relação na tríade proposta ocorreu no agenciamento trabalho e cidade produzido a partir do corpo migrante. Agenciamento este que foi demarcando diferentes *entres*: modos outros de conceber a língua como

estrangeiridade, os corpos como espacialidades e a produção de lugares heterotópicos como captura e resistência. Assim, evidencio os corpos migrantes como aqueles que brincam de construir outros lugares.

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GIROTTTO, Willian Mella, LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini. IntenCidade: pista para um trabalho psi. In: **Mnemosine** Vol.11, nº2, p. 123-144, 2015. Disponível em: <http://www.sciary.com/journal-venezuela-scientific-mnemosine-issue-138556> Acesso em: 17 jan 2017.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 25, n.2, mai/ago 2013, p. 263-280. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200004&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200004&script=sci_abstract&lng=pt) Acesso em: 24 jan 2019.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Jan-Abr, Nº 19, 2002, p. 20-28. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf) Acesso em: 04 dez 2018.

## **Um pós escrito, para os pós que ainda virão**

Tomo esta escrita quase que numa obrigação, diante dos dois lugares aos quais ocupo: Psicóloga e Pesquisadora.

Compreendo os privilégios que me trouxeram até aqui: sou branca, venho de uma família classe média e tive as condições necessárias para entrar no curso superior e, agora, num programa de pós graduação. É considerando estes privilégios que tomo como obrigação escrever.

Escrever por colocar, também nas palavras potência de transformação e produção de outros modos de fazer resistência em tempos que sufocam. Bom, talvez esta seja uma boa palavra: sufoco/ sufocamento/ sufocar - respirar com extrema dificuldade; asfixiar-se. Sensação que me acompanhou pelos caminhos desta escrita nestes últimos meses.

*BBC News: em comunicado a diplomatas, governo Bolsonaro confirma saída de pacto de migração da ONU. Manchete no portal G1 do dia 08 de janeiro de 2019.*

*Bolsonaro se alinha a grupo anti-imigração da União Europeia. Manchete na Revista Exame de 24 de janeiro de 2019.*

Por diversas vezes durante a escrita desta dissertação me peguei trancada, sufocada a pensar sobre os efeitos destas decisões sobre os sujeitos pelos quais cruzei. Não se trata aqui de uma preocupação com uma possível descartabilidade quase instantânea dessa pesquisa, mas de considerar os afetos e encontros que possibilitaram a construção da mesma.

Sempre fui movida pelos encontros e pelo estar com os outros. Me sinto com um corpo de pesquisadora que dói frente a construção de um cenário pouco amistoso para aqueles que buscavam no Brasil outras possibilidades de vida.

Perguntei-me sobre este lugar, muitas e muitas vezes. Mudamos muito nos dois anos que correspondem a esta pesquisa. Mudamos enquanto possibilidade de diálogo, enquanto uma democracia ainda tão jovem.

Nessas mudanças as minorias ganham adjetivações de ‘mimimi’. Políticas públicas de saúde, assistência e educação ‘não ensinam a pescar’, ‘sustentam vagabundos’. E as ciências humanas não são ciência.

Escrevo na intenção de ainda produzir resistência. É disso que se trata essa dissertação a partir deste momento: marca de outras possibilidades de acolhida, de produção de conhecimento, uma aposta na e pela potência dos encontros.

Escrevo para continuarmos (re)existindo, com desejos de que possamos fazer das nossas produções espaços de resistências e insistências nesses pós que ainda virão.